Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Terça-feira 23.4.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 614 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

IEFP DESEMPREGO TEM PIOR MOMENTO DESDE A PANDEMIA, OFERTA DE EMPREGO TAMBÉM

Setores mais fustigados no primeiro trimestre são as atividades imobiliárias, a dupla alojamento e restauração. Indústria do couro e calçado teve subida impressionante de 77%. PÁG. 13

NO LARGO DO CARMO JÁ NÃO HÁ CHAIMITES, SÓ *TUK-TUKS*

PÁGS. 4-5

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

25 DE ABRIL 50 anos

ONDE ESTAVA HÁ 50 ANOS CELESTE CAEIRO

A SENHORA DOS CRAVOS DE ABRIL PÁG. 6

EUROPEIAS

BUGALHO É ESCOLHA DA AD PARA CABEÇA DE LISTA, O PS APOSTA EM TEMIDO

PÁG. 7

SAÚDE

Fadiga crónica e covid longo: doenças invisíveis que param vidas

PÁG. 11

KIEV

Com guerra ou sem guerra, os ucranianos não abdicam do seu café

EXCLUSIVO *THE NEW YORK TIMES*

PÁGS. 18-19

ANDREW SEAN GREER

"Viver na Europa faz-me perceber todos os dias como a América é paroquial"

VENCEDOR DE UM PULITZER

PÁGS. 24-25

CLAUDIO MISCIA

Itália e Portugal: datas e traços de uma identidade partilhada

EMBAIXADOR DE ITÁLIA EM PORTUGAL

PÁG. 10

Até ver...

Ricardo Simões Ferreira
Editor do Diário de Notícias

Quando a tecnologia é tão esperta que até parece inteligente

"Quando as pessoas te perguntam as horas não precisam saber como funciona o relógio." Ouvi este ligeiro raspanete reiteradamente de um antigo diretor, mas, por teimosia ou estupidez (se é que estas não são duas faces da mesma moeda), nunca consegui respeitar em pleno a sugestão (ou ordem...) que visava – designadamente – reduzir o tempo das nossas reuniões. Isto porque entendo que em todas as áreas da atividade humana o contexto é essencial para tentar compreendê-la. Resultado: tendo a dar respostas longas a questões aparentemente simples – como, aliás, se nota por esta longa introdução...

Vem isto a propósito da forma como, pelo que observo, o público em geral (mesmo o aparentemente mais info-incluído, mas não especialista) interpreta os resultados quase mágicos da Inteligência Artificial generativa, que quase todos os dias apresentam novas aplicações e/ou resultados ainda mais espetaculares. Produtos que, à primeira vista, desafiam uma simples explicação. Afinal (como um colega jornalista me perguntava na redação há pouco tempo, após usar o serviço *online* TurboScribe), "como é possível a IA ouvir em segundos uma hora de entrevista e passá-la a texto de forma quase perfeita?"

O espanto é natural, desde logo, porque vai ao encontro da máxima do escritor, pensador e futurista Arthur C. Clarke de que qualquer tecnologia, se suficientemente avançada, parece magia. Mas ao mesmo tempo encerra o muito humano equívoco de pensarmos que estes sistemas funcionam como seres vivos: que "ouvem"; ou "compreendem"; ou "passam a texto"...

Na realidade estes modelos apenas comparam frequências a uma velocidade gigantesca permitida pelos modernos processadores. Literalmente. De resto, não fazem a mínima ideia do que estão a fazer.

Ao contrário do que possa parecer, por trás da IA não existe qualquer raciocínio, nenhum processo lógico (racional) verdadeiro. Não é assim que o sistema foi desenhado. Os sistemas fazem contas, estatísticas, comparações entre o que lhe pedimos e as bases de dados que têm disponíveis – e quanto maiores forem, melhores os resultados – para gerar as suas respostas.

Isso mesmo foi tema da conversa que tive com o especialista francês Bertrand Meyer, que esteve em Lisboa para um dos mais importantes encontros de engenharia de *software* (o resultado desse encontro foi publicado no DN de domingo). "A IA não tem nada a ver com inteligência", disse-me, no sentido em que não há ali raciocínio, apenas estatística, álgebra, processos matemáticos inventados há mais de 150 anos, só que processados a uma velocidade incrível, acedendo aos biliões de dados disponibilizados pela internet.

No processo da transcrição automática (seja o referido TurboScribe, seja o que vem integrado no Word, da Microsoft – incluindo na versão gratuita desta *app* –, o do Google, ou outro qualquer) o que o sistema faz é "pegar" nas frequências áudio e compará-las com as que tem à disposição – tanto de outros utilizadores do mesmo serviço ou de pessoas anónimas da *web*. Se estatisticamente as cristas e cavas das ondas elétricas da gravação equivalem a certas palavras, são estas que ele "escreve". Depois, existe um segundo filtro, de "contexto": o sistema "sabe" que habitualmente (mais uma vez, estatisticamente) a certa palavra segue-se outra, como "bom"... "dia"; "boa"... "tarde" ou "noite", etc., etc., o que evita alguns erros.

Claro que tudo isto para funcionar tem de ser circunscrito a uma língua específica, aliás, à variante regional específica da língua. E quanto maior a base de dados que o sistema tem disponível para comparação, melhor ele funciona – daí, por exemplo, funcionar melhor para português do Brasil do que para português de Portugal. Há simplesmente mais gente a falar (e a usar) essa variante da língua. Quanto ao inglês, hoje os sistemas são quase perfeitos neste idioma, desde que não os tentemos pôr a "trabalhar" sobre variantes como o oeste de Inglaterra, o norte da Escócia ou o quase tão incompreensível sotaque de António Guterres...

(Neste último caso, fiz o teste há cerca de um ano, com um dos melhores tradutores automáticos do mercado, que foi incapaz de "compreender" uma palavra do atual secretário-geral da ONU, mas funcionou na perfeição com qualquer pessoa a falar inglês escorreito.)

Tudo o que foi dito acima em termos de funcionamento aplica-se relativamente à IA generativa para texto, em que os sistemas vão buscar partes já escritas a várias fontes e no fundo fazem um "baralha e volta a dar" que é original no sentido em que nunca ninguém escreveu algo exatamente assim, mas não tem verdadeiramente qualquer ideia original por trás. Também quanto à imagem (foto ou vídeo) o mesmo se aplica... Mas voltaremos a estes assuntos nmais tarde.

Ou seja, ao contrário do que pode dar a entender, apesar de a IA parecer "ouvir", "ler" e "escrever", na realidade apenas está a fazer contas e comparação de material existente. É espetacular, é súper prático e até muda as nossas vidas para sempre. Mas não são novas inteligências, nem nunca poderão sê-lo.

Afinal, se não percebermos de que forma "funciona o relógio" para que este nos possa "dizer as horas" corremos o risco de vivermos todo o tempo enganados.

OS NÚMEROS DO DIA

195 359

DESEMPREGADOS
Número de beneficiários de prestações de desemprego em março, um aumento de 9,1% em termos homólogos ainda que menos 1,1% face a fevereiro, segundo as estatísticas mensais publicadas ontem pela Segurança Social.

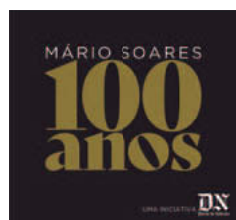
10

POR CENTO
de crescimento em valor de exportações de vinhos portugueses para o Brasil, e 5% em volume, é quanto prevê, para este ano, a ViniPortugal, segundo disse à Lusa o presidente desta associação Frederico Falcão.

200

NOVOS PILOTOS
é quanto a easyJet anunciou que irá formar num novo programa de candidaturas de formação, aberto ontem, num plano para contratar 1000 novos profissionais para a companhia aérea até 2027.

50

MILHÕES DE EUROS
foi quanto a SAD do Benfica captou com o empréstimo obrigacionista, segundo os resultados ontem divulgados, com a procura a superar em 1,35 vezes a oferta, ou seja, perto dos 68 milhões de euros.

23.4.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Atualmente, o Largo do Carmo é um local muito procurado por turistas que visitam Lisboa.

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

25 DE ABRIL

As "chaimites, hoje, são *tuk-tuks*": o Largo do Carmo é um sítio diferente 50 anos depois da Revolução

MEMÓRIA Em vez de militares, hoje há turistas a ocupar a praça onde o Estado Novo chegou ao fim. Recordações do golpe militar de 1974? Só as de quem por ali viveu esse dia, e pouco mais do que placas evocativas.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

João Ramalho lembra-se "de tudo": "De manhã, andei a correr atrás deles. Para onde iam, eu ia atrás. Toda a gente andava atrás dos militares." Na altura, com 18 anos, viu "duas ou três prisões de gajos da PIDE". Uma ao pé da Escola Passos Manuel, "que tinha pistola", e uma outra, de "um informador que morava na Rua do Poço dos Negros". O dia foi todo num corrupio. Bastava "ouvir-se que estava alguma coisa a acontecer e a malta corria para ver o que era". Eram os primeiros passos do "dia inicial inteiro e limpo", como escreveria Sophia de Mello Breyner.

Sentado numa cadeira à sombra dos jacarandás do Largo do Carmo, João recorda como viveu o 25 de Abril *in loco*. Passados 50 anos, ainda tem "uma boa memória". Foi ali, metros ao lado do quiosque onde estamos, que as "chaimites, que hoje são *tuk-tuks*" pararam para fazer um cerco. Lá dentro, onde agora é o Museu da GNR, Marcello Caetano refugiava-se dos militares do Movimento das Forças Armadas. Salgueiro Maia e os seus camaradas de armas entrariam, depois, pelo quartel adentro, exigindo a rendição do até aí presidente do Conselho de Ministros, que pedia que o poder não caísse nas ruas.

Uma multidão acompanhava tudo cá fora. João estava nas redondezas. "Quando foram disparados os tiros contra o quartel, estava ali", lembra-se, apontando para uma tabacaria na Calçada do Carmo, "que na altura era uma casa de material elétrico".

Só um tiro acertou numa janela, a principal, mesmo por cima da entrada do quartel. Todos os outros acertaram nas paredes, "que continuaram com buracos" passados alguns anos.

Testemunhar, assistir ao fim de 48 anos de ditadura, na primeira pessoa, é descrito com uma palavra: "Maravilhoso."

Conta depois mais um episódio: "Houve, nesse dia, um PIDE que teve o carro virado. Estávamos aqui e ouvimos falar disso, que tinha acontecido ali para os lados da Misericórdia. Fomos ver e o carro estava todo tombado, e depois foi preso."

Concretizada a 25 de Abril, a Revolução já se fazia adivinhar, clandestinamente. Filho de um

Arraial dos Cravos cancelado

A iniciativa *Abril é Agora* cancelou o *Arraial dos Cravos* que tem sido realizado anualmente no Largo do Carmo, alegando "falta de apoio" da Câmara Municipal de Lisboa (CML). O arraial estava marcado para o dia 24 e contou com o apoio da autarquia nas últimas duas edições, em 2022 e 2023. Dina Nunes, da organização, disse que a CML negou o suporte logístico, em concreto a instalação das tendas onde as associações expõem e vendem materiais, bem como comida e bebida, e o palco onde "os artistas atuam gratuitamente". Em resposta escrita ao DN, a CML confirma que recebeu "um pedido de apoio" do arraial "no passado dia 9 de abril". "A solicitação feita à autarquia incluía um pedido de apoio ao nível da Higiene Urbana e ao nível do som". "À data em que este pedido deu entrada, grande parte dos meios materiais e humanos de que a CML dispõe já se encontravam comprometidos com outros eventos, agendados há vários meses e, também eles, relacionados com as comemorações do 25 de Abril", lê-se na resposta. "É por isso falso que a CML não tenha disponibilizado ajuda ou autorização ao *Arraial dos Cravos*. Desde o primeiro contacto que nos disponibilizámos para contribuir para que esta iniciativa tivesse condições para se realizar", argumenta a autarquia.

GNR, João desde cedo "via uns papéis" aqui e ali. "Apareciam constantemente, e o meu pai dizia que não era nada", afirma, recordando: "Ele não queria que eu viesse para aqui nesse dia. Nem me queria dizer que tinha sido chamado para trabalhar. Depois, estive dois ou três dias sem o ver. Ele estava no Quartel da Ajuda, quando houve fogo por causa do Regimento de Lanceiros 2 [que era uma força adversa ao Movimento das Forças Armadas], e por isso só saiu uns dias depois."

Passadas quase cinco décadas desde o momento que João descreve como sendo "quase uma festa", o Largo do Carmo continua apinhado de pessoas. Mas não para assistirem a um golpe militar.

Saímos do quiosque e caminhamos pela zona. O rebuliço de turistas dificulta a caminhada. Os grupos juntam-se todos, ora fotografando o quartel, ora ouvindo os guias que lhes explicam a importância do local. Há quem faça fila para entrar no Convento do Carmo, agora transformado em museu arqueológico. Ouvem-se línguas estrangeiras, do espanhol ao francês.

"Isto já não tem nada a ver com o que era", assume João Ramalho. As casas que dantes eram habitadas, "agora, a maior parte são os chamados Alojamentos Locais". Cafés "só já resta um", materializado numa tímida esplanada na esquina mais distante do quartel. Mas João continua a viver ali, na Rua da Condessa. O seu filho e o seu neto também.

O ambiente, agora, é "totalmente diferente": a "cabine telefónica da altura" também já não existe, a "paragem do [elétrico] 24" *idem*. Ambas "estavam cheias de malta" no dia 25 de Abril de 1974. Depois, "uns morreram, outros foram-se embora, e a maioria das pessoas que moravam aqui já não existe". A pessoa "mais velha que aqui morava e nasceu" era a sogra de João. O desenvolvimento da zona aconteceu "a partir do incêndio do Chiado", em 1988, "isto desenvolveu-se mais e assim se mantém".

Há, no entanto, algo que perdura: o quartel funciona e a GNR ainda por lá continua. O Comando-Geral está ali localizado, há guardas à porta, que até são requisitados por turistas, que pousam em fotografias para preservarem as memórias.

E memórias físicas da Revolução? Três marcos discretos: duas placas no chão e uma girândola de luz, inaugurada por ocasião dos 40 anos da *Revolução dos Cravos*. Há um retrato de Zeca Afonso, em azulejo, numa esquina ao lado do Convento, junto ao Palácio dos Condes de Valadares. Um *outdoor* evocativo dos 50 Anos da Revolução é estendido na fachada do quartel, tapando a janela alvejada em 1974. E é tudo.

50 anos volvidos, João Ramalho, agora com 68, acha importante preservar-se a memória histórica. "Eram outros tempos. A malta vem para aqui, vem ver, e eu acho bem. É preciso que tenham uma noção daquilo que foi. Metade deles não saberá o que é o 25 de Abril e é importante mudar isso", diz.

E o dia seguinte? "Fiz exatamente o mesmo e vim para aqui. Era empregado de balcão, numa loja de eletrodomésticos na zona do Cacém, onde tinha morado. Não fui trabalhar e vim para aqui outra vez."

Celebrar o cinquentenário "será no mesmo sítio de sempre", a sua casa é logo ali ao lado, diz João Ramalho.

"A mim qualquer coisa me serve. O 25 de Abril só me trouxe foi o aumento dos preços e da minha obra."

Álvaro Pinto
Morador no Largo do Carmo

"Está um ambiente completamente diferente. A maior parte da habitação são Alojamentos Locais. Uns morreram, outros foram-se embora, e a maioria das pessoas que moravam aqui já não existe."

João Ramalho
Morador no Largo do Carmo

A Revolução à distância e os preços que subiram

Uma ronda pelo comércio no Largo do Carmo mostra como está a zona atualmente. Na maior parte dos casos, os donos são, eles próprios, já filhos de Abril, ou não viveram a Revolução ali. As marcas pré-25 de Abril estão sobretudo nos edifícios. Como aquele número 18 (à frente do qual param os *tuk tuks*), assinalado com uma placa na parede. Em tempos, um primeiro andar daquela casa foi habitada por Fernando Pessoa.

Na envolvente, há restaurantes, que servem comida do mundo e não só, com esplanadas cheias de turistas de diferentes proveniências. As lojas de *souvenirs* são algumas e há, até, uma sapataria com um ar mais clássico. Tudo aberto (pelo menos nos moldes atuais) no pós-25 de Abril, e propriedade de "putos que compraram isto aqui e ali", como nos confessa uma lojista.

Numa mercearia, já na Rua da Condessa, quase paredes-meias com a casa de João, encontramos alguém que viveu o 25 de Abril à distância. Na altura radicado em Alcobaça, as preocupações de Álvaro Pinto eram outras. Não que a Revolução não fosse boa, mas as consequências não lhe agradaram. "Vivi um bocado com chatices. Andava a fazer uma obra em Alcobaça, estava a começar. Tinha começado a 18 de maio [de 1973] e, depois do 25 de Abril, os preços começaram todos a subir", recorda.

As "mudanças no convívio e nas pessoas" também passaram um pouco ao lado. O lamento como consequência da queda do regime é outro. "Foram os tijolos, foram as pedras, a areia, o cimento. Tudo o que empreguei na obra subiu de preço".

Com 91 anos "feitos em fevereiro", Álvaro Pinto comprou um apartamento na zona do Carmo em 1967. "A minha filha veio para cá estudar, e depois acabou por se casar. Comprámos a casa para não os chatearmos se viéssemos [Álvaro e a esposa] visitá-los e acabei a morar lá", explica.

Diferenças nas pessoas e na liberdade de expressão e pensamento? Nada. "A mim qualquer coisa me serve. O 25 de Abril só me trouxe foi o aumento dos preços e da minha obra", lamenta Álvaro Pinto, depois de sair da mercearia. De saco na mão, e do alto dos seus 91 anos, segue depois rua abaixo em direção a sua casa.

João Ramalho regressa entretanto ao lugar à sombra dos jacarandás e senta-se.

A praça mantém-se intacta, tal e qual como estava antes das memórias sobre a Revolução: um rebuliço de cabeças e chapéus ao sol, que aguardam em filas aqui e ouvem guias acolá. A recordação do 25 de Abril passa por aí: pelos guias, pelo Museu da GNR, e pouco mais. Porque, hoje, o Carmo é um lugar distinto de há 50 anos. Mais multicultural, mais povoado, mas, sobretudo, mais livre de ser e de estar.

rui.godinho@dn.pt

ARQUIVO DN

A 25 de Abril de 1974, a população saiu à rua para assistir ao fim do Estado Novo. No Largo do Carmo (*na foto*), uma multidão ocupou o espaço em frente ao quartel, onde se rendeu Marcello Caetano.

PORTUGAL HÁ 50 ANOS

O que era a vida quotidiana dos portugueses há meio século, antes do 25 de Abril? O que faziam e como recordam hoje esse tempo em que eram jovens e o país era velho. E como esse mundo era retratado nas páginas do DN da época. Visado pela censura.

No DN

MANOBRA PARA AFASTAR CHABAN-DELMAS?

A CAMPANHA ELEITORAL EM FRANÇA

REBENTOU COM FRAGOR A "BOMBA" CHIRAC

A PUBLICAÇÃO DOS RESULTADOS DA SONDAGEM FEITA PELO MINISTÉRIO DO INTERIOR SUSCITOU VIVA POLÉMICA, POIS TAIS ELEMENTOS ERAM HABITUALMENTE CONSIDERADOS CONFIDENCIAIS

103.5 POR CENTO

a taxa de crescimento das exportações de Angola

DIRECTRIZ DO CANDIDATO ROYER: UMA PRESIDÊNCIA MAIS POPULAR

ISRAEL JÁ TEM CHEFE DE GOVERNO

JITZHAK RABIN ESCOLHIDO PARA SUCEDER A GOLDA MEIR

ESCREVE O «DAILY TELEGRAPH»

BASE ATÓMICA DE PEQUIM NO "TECTO DO MUNDO"

NA IRLANDA DO NORTE

MAIS DE MIL MORTOS EM QUASE CINCO ANOS DE VIOLÊNCIA

INTERRUPÇÃO

DESPENHOU-SE EM BALI

CONFLITO Na Irlanda do Norte contavam-se os mortos, cinco anos após o conflito no Ulster. Um rapaz de 20 anos, católico, foi assassinado e tornou-se a milésima vítima, naquele país. Em Israel, Rabin sucedia a Golda Meir na cadeira de primeiro ministro do país.

Violência continuava na Irlanda do Norte

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Na Irlanda do Norte a violência entre católicos e protestantes continuava a fazer mortos. *Mais de mil mortos em cinco anos de violência*, titulava o DN. Em destaque, junto a esta notícia: "Cerca de quatro mil bombas destruíram oportunidades de trabalho num país onde a taxa de desemprego é alarmante."

Na notícia, dava-se conta de mais um assassinato. "O inspetor Herbert Morris pegou num pedaço de giz e modificou os números num quadro instalado na sede da Polícia. 'Agora já chegou aos quatro algarismos', disse. 'Pergunto-me até quantos mais'."

No parágrafo seguinte, após as reflexões do inspetor da polícia, a descrição detalhada do crime. "Pouco depois das 15.00 horas de sábado, James Corbett, um católico, de 20 anos, tornou-se na milésima vítima mortal da violência no Ulster. O seu corpo foi encontrado nos arredores da cidade, com duas balas na cara", podia ler-se. "Dois homens foram chamá-lo à modesta residência onde vivia e partiram com ele, numa pequena carrinha azul. Uma patrulha, a pé, do Exército britânico encontrava-se a poucos metros do local onde foi morto e atirado da carrinha para o chão. A Polícia não possui nenhum cadastro de Corbett nos seus arquivos, mas julga que foi vítima de uma ação perpetrada pelo IRA."

Adiante, faziam-se contas: "Os algarismos impessoais mostram que, desde agosto de 1969, morreram 693 civis, 214 soldados, 43 milicianos e 50 polícias. Naquele período, 3957 bombas destruíram residências, escritórios, fábricas, bares e centros comerciais, sepultando nas suas ruínas oportunidades de trabalho tão necessárias num país onde a taxa de desemprego atinge, em algumas áreas, 47%."

No Médio Oriente estava *encontrado* o novo primeiro ministro de Israel. *Yitzhak Rabin escolhido para sucede a Golda Meir*, titulava o DN.

Do outro lado do Atlântico, no Brasil, era celebrado o Dia da Comunidade Luso-Brasileira. Houve um banquete na embaixada portuguesa e as palavras do embaixador de Portugal no Brasil foram: *Nós, portugueses, cremos no homem, na liberdade e na paz.*

Dos Estados Unidos chegava uma "carta aberta" de um antigo combatente no Ultramar. *Estamos mantendo a paz e não fazendo a guerra*, titulava o jornal citando o militar Euclides Delmar Alvares, residente na Califórnia.

Onde eu estava

Celeste Caeiro tem 90 anos. Em 1974 trabalhava num restaurante de Lisboa. Com um gesto, transformou o golpe de 25 de Abril na *Revolução dos Cravos*.

O soldado pediu-me um cigarro. Eu não fumava, nunca fumei. Por segundos, fiquei a pensar como poderia compensar aquele rapaz, ali, em cima daquele carro, a lutar por nós. Estava ali a dar-me uma coisa boa e eu sem nada para lhe dar. Sem pensar, tirei um cravo do ramo que levava e ofereci-lho.

Nunca me passou pela cabeça que por causa disso o 25 de Abril viesse a ser conhecido mundialmente como a *Revolução dos Cravos*.

Nunca se conseguiu encontrar aquele rapaz. Sempre que penso naquele dia choro. Tinha 40 anos, cuidava da minha mãe e da minha filha. Morava no Chiado e adorava a cidade onde nasci. E ainda adoro.

Tenho 90 anos, ouço e vejo muito mal. Comovo-me muito a falar deste dia. Os médicos dizem que me faz mal. Vou pedir à minha neta que lhe conte o resto da história. Viva o 25 de Abril! Se o deixarmos morrer teremos de fazer outro.

Carolina 23 anos. É mestre em Direito. Quer ser magistrada. Vive em Alcobaça.

Havia sempre nos livros da escola a referência à *Revolução dos Cravos*. A cada ano, mal recebia os manuais, ia de imediato à procura dessas páginas. Sabia que as professoras, nem que fosse uma vez por ano, haveriam de falar no assunto e que eu, mais uma vez, ficaria em silêncio. Nunca disse na escola que foi a minha avó que deu o nome à revolução. Apesar de todo o orgulho que tenho. Acredito mesmo que aquele gesto foi obra do destino.

A minha avó Celeste é filha de uma espanhola de Badajoz e de pai desconhecido. Com dois irmãos, mais velhos, cresceu na Casa Pia. À minha bisavó custou-lhe até muito deixar ali os filhos, que visitava regularmente. Nunca os abandonou.

A minha avó era a menina favorita da diretora do colégio. Fez o Curso de Enfermagem, mas como tinha problemas pulmonares não pôde exercer. Porém, a menina Celeste foi sempre independente. Nunca se casou com o meu avô. Quando o meu avô se portou mal, tinha a minha mãe 3 anos, separaram-se. Para consolar a minha avó, quis oferecer-lhe um fio de ouro e mais coisas. Mas a minha avó não quis saber dos presentes, nem dele. Sozinha, continuou a cuidar da filha e da mãe.

Em abril de 1974, trabalhava num restaurante. O restaurante fazia um ano no dia 25 de abril. Os cravos eram para dar aos clientes. Com o restaurante fechado, as empregadas ficaram com as flores.

Dá-se então o feliz episódio, no início da Rua do Carmo. Um fotógrafo (Carlos Gil) assistiu à cena. Publicou a fotografia. No dia seguinte a minha avó foi trabalhar. Já os colegas tinham ligado para a *Crónica Feminina*, que logo a foi entrevistar.

Este ano, esse episódio será reconstituído. A minha avó gostava muito que uma placa assinalasse o local. Algo a dizer que foi ali que nasceu o nome *Revolução dos Cravos*. Ou até ter ali uma pequena estátua.

Falar do 25 de Abril emociona-a muito. Nestes períodos, fica melancólica. Acreditamos que o AVC que sofreu pouco depois das comemorações dos 25 anos de Abril terá tido a ver com as emoções que sentiu. No entanto, tem sido muito ignorada por todos.

Não há fotografias da minha avó com 40 anos. No incêndio do Chiado, perdeu a casa e todos os pertences. As fotografias arderam. Foram-se todas as recordações. Vive há anos num prédio a cair aos bocados, perto da Avenida da Liberdade. Podia viver com a filha e a neta em Alcobaça. Mas à minha avó, alfacinha de gema, ninguém a consegue tirar de Lisboa.

A minha avó, que continua a prestar muita atenção às notícias, está muito preocupada com o país. Na noite das últimas eleições, ao contrário do que é hábito, foi deitar-se cedo. "Não estou para ver esta miséria." A mim ensinou-me desde miúda que o valor mais importante é o da liberdade.

Depoimento recolhido por Alexandra Tavares-Teles

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Ex-candidato a deputado pelo CDS enfrenta Marta Temido, a escolha dos socialistas.

Renovação total no PS e AD. Escolha de Bugalho deixa deputados apreensivos

EUROPEIAS Só o PSD manteve um nome dos atuais deputados. Todos os outros, quer no PS, quer na AD, foram afastados das listas. Marta Temido foi "escolha pacífica" entre os socialistas.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

Mudança total socialista e uma grande surpresa na AD nas listas para as Europeias com a nomeação de Sebastião Bugalho como cabeça de lista.

No lado do PS dos atuais eurodeputados nenhum foi reconduzido. A lista liderada por Marta Temido, ex-ministra da Saúde e atual deputada, inclui Francisco Assis [que venceu as Europeias de 2014 – António Costa consideraria a sua vitória de "poucochinho" – e já não foi candidato em 2019], Ana Catarina Mendes [a ex-ministra Adjunta e dos Assuntos Parlamentares que estava temporariamente afastada das luzes da ribalta política], Bruno Gonçalves [deputado que já foi candidato ao Parlamento Europeu em 2004], André Rodrigues [deputado no Parlamento Regional dos Açores], Carla Tavares [reeleita presidente da Câmara da Amadora, em 2021, com maioria absoluta], Isilda Gomes [líder dos autarcas socialistas e presidente da Câmara de Portimão desde 2013], Sérgio Gonçalves [ex-líder do PS-Madeira] e Miguel Lemos [presidente do Conselho de Administração da Águas de Gaia que há um ano estava disponível para suceder a Eduardo Vítor Rodrigues na Câmara de Gaia] na lista dos nove primeiros lugares.

A renovação de Pedro Nuno Santos fez cair Carlos Zorrinho, Pedro Silva Pereira, Isabel Santos, Pedro Marques, Margarida Marques, Maria Manuel Leitão Marques, Isabel Carvalhais, João Albuquerque [que entrou para o lugar de Manuel Pizarro quando este foi para ministro da Saúde] e Sara Cerdas – que já estava de saída por ser candidata a deputada nas eleições regionais da Madeira.

E nem o facto de Pedro Marques ser primeiro vice-presidente da bancada dos socialistas no Parlamento Europeu e Pedro Silva Pereira ser vice-presidente do Parlamento Europeu foi suficiente para os manter na lista do PS.

O rosto do PS

Depois de integrar três Governos de António Costa, Marta Temido apresentou a demissão do cargo de ministra da Saúde em 30 de agosto de 2022 por entender que tinha deixado de ter condições para exercer o mandato.

Após deixar as suas funções governativas, assumiu o seu mandato como deputada, lugar para o qual foi reeleita nas últimas eleições legislativas.

Durante os seus mandatos, Marta Temido esteve no centro da gestão da pandemia, que começou em 2020, mas também atravessou várias polémicas. Na altura, o encerramento dos Serviços de Urgência de Obstetrícia em vários hospitais por falta de médicos para preencher as escalas pressionou a tutela.

O rosto da AD

Após a "desistência" de Rui Moreira [a contestação interna no PSD terá sido um fator "decisivo", soube o DN], o cabeça de lista é o homem que foi candidato nas eleições legislativas de 2019 pelo CDS [uma escolha da então líder Assunção Cristas] e que mais tarde, em 2021, haveria de recusar ocupar o lugar de deputado alegando "circunstâncias políticas e profissionais". Francisco Rodrigues dos Santos liderava os centristas e Sebastião Bugalho teria lugar como deputado após a saída de Ana Rita Bessa e a recusa de Isabel Galriça Neto.

O nome que apanhou de "surpresa" deputados do PSD contactados pelo DN – "apreensão" é a expressão usada – escreveu na última sexta-feira, no *Expresso*, que Luís Montenegro "mantém como primeiro-ministro o mesmo posicionamento que apresentou durante a sua candidatura ao cargo: nenhum".

"Desde que se fez líder do PSD, o recém-empossado evitou comprometer-se nas mais variadas matérias, desde a regionalização, em que se opôs a um referendo sem revelar a sua posição, à eutanásia, em que propôs um referendo sem dizer como votaria, culminando no novo aeroporto, em que consensualizou o modelo de escolha sem anunciar (até hoje) para que lado pende. E na campanha eleitoral não foi muito diferente (...) para quem chefia um Governo minoritário e lida com um sistema político em mudança, renegar a tática seria impraticável", escreveu.

Mas foi mais longe ao criticar dizer que "a tolerância nacional para o teatro esgotou-se: no hemiciclo, na opinião pública e nos eleitores" argumentando que "é compreensível, ainda que gratuito, encobrir acordos para a mesa da Assembleia da República. É menos aceitável que não se clarifique uma baixa de IRS. As pessoas podem não querer saber quem é o presidente da Assembleia, mas querem certamente saber se vão pagar mais ou menos impostos este ano".

O número dois da Lista da AD é Paulo Cunha [vice-presidente do PSD, líder da distrital de Braga e ex-presidente da Câmara de Famalicão] que em 2022 admitia que o Exército pudesse patrulhar as ruas como solução de recurso" perante a constatação da sua inevitabilidade. Sabemos que a presença do Exército na rua ainda está associada a uma imagem que não é a melhor para a maioria dos portugueses, o pré-25 de Abril, mas o Estado português não pode continuar com soluções paliativas, deve procurar respostas efetivas que devolvam aos portugueses a sensação de segurança".

Seguem-se Hélder Sousa Silva [presidente da Câmara de Mafra eleito em 2013], Lídia Pereira [a única dos atuais eurodeputados que continua] , Sérgio Humberto [presidente da Câmara de Trofa eleito em 2013] , Paulo Cabral [o nome indicado pelo PSD-Açores e conselheiro dos Açores e Energia na Representação Permanente de Portugal na União Europeia], Carla Rodrigues [antiga deputada e membro do Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida] e Rubina Leal [o nome indicado pelo PSD-Madeira] que é a nona escolha e não a oitava como pretendia Miguel Albuquerque que, ao que o DN apurou, votou contra a lista de Luís Montenegro.

A candidata do CDS, que vai ocupar o lugar três, na lista da AD é Ana Miguel Pedro Soares que é jurista, assessora do partido no Parlamento Europeu e membro da Comissão Política dos centristas.

Nas europeias de 2019, o PSD elegeu seis eurodeputados e o PS nove.

Nesse ano, sob a liderança de Rui Rio, os sociais-democratas tiveram o pior resultado da sua história.

Cabeças de lista dos outros partidos

António Tânger Corrêa É vice-presidente do Chega e surge no topo da lista dos nomes que o partido apresenta às Europeias.

João Cotrim de Figueiredo Liderou a Iniciativa Liberal e foi deputado desde 2019. Agora, tenta a primeira eleição do partido na Europa.

Catarina Martins Deixou a liderança do Bloco de Esquerda em fevereiro do ano passado e agora é cabeça de lista pelo partido às Europeias.

João Oliveira Depois de falhar a eleição como deputado em 2022, lidera agora a lista de candidatos da CDU ao Parlamento Europeu.

Francisco Paupério É a escolha do Livre para as Europeias, depois de umas primárias polémicas.

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Movimento Cívico pela Paridade Política em Portugal quer aumentar a representação das mulheres no Parlamento.

Petição insiste na paridade de 50%. Mulheres Socialistas concordam

MANIFESTO Movimento cívico quer igual representação de mulheres e homens em toda a vida política. Ao DN, a deputada do PS Elza Pais alerta que a lei só é "cumprida pelos mínimos".

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

Chega amanhã ao Parlamento uma petição que alerta para o "retrocesso" que é simbolizado pelo facto de, neste momento, as mulheres só ocuparem "33% dos assentos parlamentares", quando na verdade representam mais de 50% da população nacional. O manifesto, que tem como proponentes a professora universitária e investigadora Joana Torres e a psicóloga Maria Helena Santos, apela a que se estabeleça "o limiar de paridade nos 50%". Ao DN, a deputada do PS Elza Pais, presidente das Mulheres Socialistas-Igualdade e Direitos, que não estão ligadas à petição nem ao movimento que a promove, concorda com o documento e defende "a revisão da lei para a integração pelo menos da norma da alternância de género nos dois primeiros lugares de cada lista" dos círculos eleitorais.

A ideia é levar até ao presidente da Assembleia da República, no momento em que se assinalam os 50 anos do 25 de Abril, a petição e relembrar que, desde a últimas eleições legislativas, só um terço do hemiciclo é ocupado por mulheres. A lei da paridade, em vigor desde 2006, exige "que as listas eleitorais apresentadas" a todos os sufrágios têm de "incluir uma representação mínima de 33,3% de candidatos/as de cada um dos sexos, não podendo ser colocadas mais de duas pessoas do mesmo sexo, consecutivamente, na ordenação da lista", relembra o manifesto proposto por Joana Torres e Maria Helena Santos, que integram Movimento Cívico pela Paridade Política em Portugal (MpPP).

Apesar de todos os partidos cumprirem o que está legalmente estabelecido, a representação das mulheres no lugares de decisão política fica aquém do que deveria ser, na perspetiva de Maria Helena Santos. Por este motivo, propõe ir mais longe.

De acordo com o manifesto, o objetivo é, para além de estabelecer o limiar da paridade nos 50%, "criar um mecanismo de 'fecho éclair' verdadeiro na ordenação das listas" de candidatos a deputados, "com alternância paritária a cada dois lugares", o que permitiria eleger mais mulheres.

"Se nós vivêssemos num mundo ideal, num mundo justo, eu estaria contra as quotas", explica ao DN Maria Helena Santos, acrescentando que "vivendo num mundo em que nós vivemos, completamente injusto", é "completamente favorável às quotas". "Foi por isso, também, que eu aceitei este desafio da Joana Torres, para tentarmos mudar a lei e para chegarmos à lei da paridade 50-50", conclui.

"O que nós defendemos, as Mulheres Socialistas, é que devia haver uma alteração da lei para a alternância de género nos dois primeiros lugares. Aliás, era uma enorme proposta de lei do Governo Socialista quando se fez o *upgrade* em 2019, que não passou na Assembleia da República e que evitaria situações destas", explica Elza Pais, sublinhando que não está a "falar pelo partido, porque a questão ainda não foi decidida". Ainda assim, a deputada do PS deixa uma garantia: "Enquanto presidente das Mulheres, bater-me-ei para que essa norma, que em tempos não passou na Assembleia da República, possa vir novamente a ser decidida."

Lembrando que a paridade de 50% é uma meta estabelecida pela ONU, Elza Pais destaca que o PS "tem 50% de cabeças de lista mulheres. Tem alternância de género nos dois primeiros lugares, na grande maioria das federações. Defendemos o princípio, mas também estamos a aplicá-lo, mesmo sem que seja obrigatório", considera.

Além destas duas medidas, a petição propõe "criar um regime que obrigue à paridade na composição dos governos nacionais, nas equipas ministeriais, secretarias de Estado e demais cargos de nomeação política".

Ao DN, a deputada do PSD Paula Cardoso, sobre a petição, diz que não é "a varinha mágica para resolver o problema da representação das mulheres na política". Esta afirmação traz, contudo, uma garantia: "Não posso assumir uma posição partidária."

Para já, a deputada social-democrata afirma que o que está a ser defendido na petição "é uma reflexão que merece ser feita". Contudo, com a promessa de que ainda terá de refletir sobre o tema, a paridade de 50%, estendida a gabinetes ministeriais, "pode criar alguma entropia" ao comprometer a escolha de lugares de "confiança". "Reconheço que há um longo caminho a percorrer", conclui Paula Cardoso.

"Se nós vivêssemos num mundo ideal, eu estaria contra as quotas. Agora, vivendo no mundo em que vivemos, completamente injusto, sou favorável."

Maria Helena Santos
Proponente da petição

"Bater-me-ei para que essa norma, que em tempos não passou na Assembleia da República, possa vir novamente a ser decidida."

Elza Pais
Deputada do PS

"Não penso que seja a varinha mágica para resolver o problema da representação das mulheres na política."

Paula Cardoso
Deputada do PS

Antigo primeiro-ministro pode ser chamado ao Parlamento para esclarecer a venda à Vinci.

Negócio da ANA. Passos nas mãos de PS e Chega

SUSPEITAS AD quer travar Comissão de Inquérito à privatização da ANA em 2013. PCP questiona: de quem é a "responsabilidade criminal?"

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

"Os responsáveis políticos?": Passos Coelho, Vítor Gaspar, Álvaro Santos Pereira e Sérgio Monteiro. As dúvidas?: "Há aqui três questões a apurar: a responsabilidade política de quem mentiu ao povo português, a responsabilidade financeira da Vinci que pode ter recebido um desconto ilegal e a responsabilidade criminal de quem ofereceu esse desconto."

O PCP com o pedido de uma Comissão de Inquérito Parlamentar à privatização da ANA Aeroportos pode obrigar, se tiver o apoio de PS e Chega, o antigo primeiro-ministro [que via na *troika* um "bem virtuoso", segundo diz Paulo Portas], o antigo ministro das Finanças, o antigo o ministro da Economia e o antigo secretário de Estado das Infraestruturas a darem explicações ao Parlamento sobre o "valor de uma venda" e de um negócio que pode ser crime, na apreciação dos comunistas, e cujos "contornos concretos da privatização foram completamente escondidos do povo português e da própria Assembleia da República".

"O Tribunal de Contas [o relatório foi publicado na primeira semana de janeiro] demonstrou que a venda se realizou por 1127,1 milhões, quando o anúncio público foi de 3,08 mil milhões. E o Tribunal de Contas ainda denuncia que foram oferecidos à Vinci os dividendos de 2012 no valor de 71,4 milhões de euros, quando em 2012 a empresa era pública", acentua o PCP.

A privatização aconteceu em 2013, o relatório tinha sido pedido ao TdC em 2018 e chegou "mais de dez anos depois da privatização e quase seis anos depois de ter sido solicitado".

A decisão parlamentar que pode obrigar Passos Coelho [e também Vítor Gaspar, Álvaro Santos Pereira e Sérgio Monteiro] a explicar "as maiores suspeitas sobre a forma e os objetivos do processo de privatização" da Ana Aeroportos está nas mãos do PS, que ainda está a avaliar, e do Chega que ainda não revelou o sentido de voto.

A Comissão de Inquérito, proposta pelo PCP, que hoje vai a debate na Assembleia da República, já tem o apoio da Iniciativa Liberal, Livre, Bloco de Esquerda e PAN. O PSD vai votar contra e terá, neste caso, também o apoio do CDS.

> Debate na Assembleia da República está agendado para hoje às 15.00 horas.

"Aos que tantas vezes enchem o peito com o dito combate à corrupção, estão agora disponíveis para acompanhar o PCP nesta Comissão Parlamentar de Inquérito? Os mesmos que consideraram que era um escândalo – e era – a indemnização de 500 mil euros dada à [antiga secretária de Estado] Alexandra Reis quando saiu da TAP, como é que se vão posicionar agora perante um escândalo que é só 40 mil vezes superior ao que esteve na base da Comissão de Inquérito à TAP? Veremos quem vai apoiar a proposta do PCP e quem se vai colocar ao serviço das multinacionais e do grande capital", desafia Paulo Raimundo, secretário-geral do PCP.

"Prevê-se que a Vinci tenha um lucro de 20 mil milhões de euros durante a concessão, e que a divisão de receitas entre a Vinci e o Estado português será de 79% para a Vinci e 21% para o Estado português, o que é completamente invulgar, mesmo relativamente a situações desta natureza", explica o deputado António Filipe, que considera "incompreensível" que o Governo de Passos Coelho tenha "oferecido à Vinci os dividendos de 2012, que eram dividendos do Estado no valor de 81 milhões de euros".

O repto do PCP é claro : "Há aqui um negócio absolutamente ruinoso para o Estado (…) e os partidos vão ter de se posicionar e será importante para aferir coerência entre palavras e atos."

As propostas de esquerda e direita para mudar o IRS

IMPOSTOS A proposta de lei do Governo vai ser debatida amanhã, quarta-feira. Chega, PCP, IL e BE apresentaram ontem medidas de alteração.

A IL vai votar a favor da proposta de lei do Governo de redução do IRS, mas propõe que no próximo Orçamento este imposto passe a ter apenas dois escalões, com taxas de 15% e 28%.

O Chega propôs que os rendimentos até mil euros fiquem isentos de IRS e um "reajuste dos escalões" para beneficiar quem aufere até dois mil euros, anunciou Ventura. Questionado se será necessário um Orçamento Retificativo para acomodar esta proposta, considerou que "fazia sentido" e assinalou que o seu partido "já se disponibilizou para o viabilizar", pelo que o PSD "nem precisaria do PS".

O BE, por seu lado, quer subir a dedução específica de todos os contribuintes para 582 euros e que as despesas com juros por créditos à habitação sejam atualizadas em IRS, abrangendo também contratos posteriores a 2011.

O líder da bancada do BE quer também que todos os detentores de contratos de compra de casa passem a ter direito a abater despesas com juros em sede de IRS, mesmo que os respetivos contratos de compra sejam posteriores a 2011.

O PCP propõe reduzir as taxas de IRS do primeiro e segundo escalão em 12,5% e 17% e subir a tributação sobre o rendimento do capital e do património. O partido sugere também que o valor da dedução específica passe dos atuais 4104 euros para 5208, o que representaria "mais 1100 euros deduzidos à matéria coletável". **DN/LUSA**

Transparência é prioridade para todos, diz ministra

CORRUPÇÃO Primeira ronda de encontros para juntar medidas dos partidos para combater estas situações terminou. Todos convergem: é preciso mais.

A ministra da Justiça afirmou que todos os partidos lhe transmitiram disponibilidade para convergências sobre medidas de combate à corrupção e caracterizou como "transversal" a todas as forças políticas a preocupação com o reforço da transparência. Estas conclusões foram transmitidas por Rita Júdice no final da ronda de audiências que teve com os partidos com representação parlamentar sobre a adoção de combate à corrupção no prazo de 60 dias.

No final da reunião, o CDS, pela voz do líder de bancada, Paulo Núncio, defendeu, entre outras, o agravamento das penas para crimes de corrupção e o aumento dos prazos de prescrição deste tipo de crime.

Já o Livre, por Paulo Muacho, pediu que a Comissão de Acesso a Documentos Administrativos emitisse pareceres vinculativos e considerou essencial um reforço da transparência governativa.

A IL defendeu como prioridades uma revisão legislativa para desburocratizar e simplificar procedimentos e uma análise para verificar se há organismos com sobreposição de competências no combate à corrupção.

O BE, pelo líder parlamentar Fabian Figueiredo, anunciou que também quer criminalizar o enriquecimento injustificado e as transferências para paraísos fiscais.

Por fim, o PCP – como já tinha proposto – anunciou que quer impedir as "portas giratórias" e recusou regular o *lobby*, "considerando que essa não é uma matéria de combate à corrupção, bem pelo contrário", disse António Filipe. **DN/LUSA**

Opinião
Bernardo Ivo Cruz

Os meus factos são melhores que os teus...

Regressei recentemente à Universidade e ao ensino e fui sendo avisado, por pessoas que conheço e que partilham da mesma arte, que muitas coisas tinham mudado desde a última vez que tive o gosto de estar numa sala de aulas cheia de estudantes. De vários, o aviso mais repetido é o impacto das redes sociais na divulgação de "factos alternativos" ou, por outras palavras, de mentiras.

"Toda a gente tem direito à sua própria opinião, mas não têm direito as seus próprios factos", disse em 1983 Daniel Patrick Moynihan, que entre 1969 e 2001 foi conselheiro de quatro presidentes americanos, embaixador dos Estados Unidos na Índia e senador. Podemos (e acontece constantemente) discordar sobre as causas, os impactos e as consequências de determinados factos. Podemos até concordar que a informação que temos sobre determinado facto é incompleta. Mas não devemos inventar "factos" para justificar o que dizemos ou pensamos.

E, no entanto, somos todos os dias bombardeados com estatísticas erradas, relações causa-efeito inexistentes, leituras da realidade que pouco têm a ver com o que aconteceu. E quem tem a sanidade (e temeridade) de aceitar criticamente os factos pelos factos, é olhado com benevolência ou até com desprezo: "Ah! Tu acreditas nisso... pois... mas olha que não é assim!" seguindo-se uma teoria da conspiração sobre a Terra ser plana, a Humanidade nunca ter chegado à lua ou outras fantasias quaisquer, acompanhada sempre por avisos graves em relação aos misteriosos e sempre poderosos "eles" que não querem que saibamos a "verdade".

Se as mentiras e as teorias da conspiração se limitassem a coisas ridículas ou inconsequentes até nos poderíamos divertir. Quando alguém nos tentasse convencer de que uma nave espacial tripulada não chegou, nem partiu da Lua em 1969, poderíamos abrir os olhos de espanto e dizer com ar misterioso "vejo que acreditas na Lua...". Mas, infelizmente, as mentiras que passam por serem verdades não se limitam a serem anedotas.

Sem factos não temos Ciência, nem História, nem base sobre a qual construir políticas públicas.

E os resultados podem ser gravíssimos. Quem negou a pandemia poderá ter contribuído para espalhar o vírus. Quem recusa os planos de vacinação poderá ajudar ao surgimento de doenças que prejudiquem outras pessoas. Quem inventa estatística e correlações entre imigrantes e violência alimenta descriminações e racismo. Quem nega as alterações climáticas contribui para a destruição do equilíbrio do ecossistema que permite a vida na Terra.

Dirão alguns: como é que sabemos que a Ciência que conhecemos é real? A resposta é simples: a Ciência, feita com método, repetição, escrutínio e transparência, traduz o melhor do nosso conhecimento sobre os factos. E a Ciência, que não está preocupada com as teorias da conspiração, por ser Ciência, testa hipóteses, não se acomoda e está sempre em evolução. Sem factos e sem a Ciência que os explica, não temos a base que nos permite ter uma conversa sensata e ponderada sobre as opções que estão sobre a mesa. E sem essa conversa nacional, não temos mecanismos para dar resposta aos problemas que nos afetam e afligem coletivamente e não temos bases para as decisões legítimas em que construímos as nossas democracias.

Na semana em que celebramos 50 anos de liberdade e democracia muito ganharíamos se conseguíssemos concordar que os factos são, de facto, factos. E o resto são teorias, não-científicas, mas de conspirações.

> **"Sem factos não temos Ciência, nem História, nem base sobre a qual construir políticas públicas."**

Professor convidado, IEP/UCP

Opinião
Claudio Miscia

A data que une portugueses e italianos

25 de Abril é um dia muito importante. Uma data que une os portugueses e os italianos porque a *Revolução dos Cravos* de 1974 e a proclamação da insurreição geral contra o Fascismo em 1945, ambas tendo ocorrido a 25 de Abril, trouxeram resultados semelhantes, cujo valor é hoje indiscutível tanto para os italianos, quanto para os portugueses. Democracia, liberdade de pensamento, de opinião, de imprensa e de expressão. Igualdade entre os povos, descolonização; igualdade entre as pessoas, entre os sexos, com o inestimável corolário do direito de voto para as mulheres. Em breve, o dia 25 de Abril se tornou uma janela que nós abrimos para nos debruçarmos sobre o mundo livre de hoje.

Tocou-me a honra de chegar como embaixador a Lisboa justamente poucos dias antes deste aniversário histórico e de ter a oportunidade de participar nestas imponentes celebrações que foram organizadas. Porém, este não é o único grande aniversário ao qual terei o prazer de assistir durante o meu mandato: também em 2024 se assinalam os 500 anos do nascimento do grande Luís de Camões, pai da literatura e talvez até da língua portuguesa, "última flor do Lácio inculta e bela". É Olavo Bilac quem nos recorda as origens latinas comuns do italiano e do português, outro elemento cultural que o povo italiano compartilha com todos aqueles povos que falam português. Povos hoje unidos na CPLP, na qual a Itália se orgulha do seu *status*: o de País Observador, graças inclusive a mais de 600 000 dos seus cidadãos que são lusófonos nativos.

O poema de Camões também evoca em mim o odor, a imagem e o som do mar, mais um elemento enraizado nas nossas culturas: o Atlântico para os portugueses, o Mediterrâneo para os italianos, berços de Civilização e de História marítima. A História é uma coisa importante, para nós italianos, e para nós portugueses. O que aconteceu há mil anos, há 500 anos, ainda hoje determina e orienta nossas vidas e nossas convicções.

Em 1524, enquanto Camões nascia, o Senado da República de Veneza autorizou Antonio Pigafetta a publicar o seu *Primeira viagem ao redor do globo terrestre*, no qual relatava a viagem realizada nos anos anteriores com o Capitão Magalhães, elevando assim o grande explorador português à glória das crónicas e da história oficial, a dos documentos escritos. E há mais: 300 anos antes daquela viagem, outro António havia partido de Lisboa rumo à Itália, a convite de um já famoso Francesco. Hoje os dois são respetivamente o santo padroeiro de Portugal e o santo padroeiro de Itália.

Lá estão os dois gigantes a lembrar-nos que a cultura católica também é um dos pilares do edifício de valores que temos em comum. Desde aqueles tempos os franciscanos saúdam dizendo "paz e bem" e os seus descendentes, italianos e portugueses de após o 25 de Abril, aceitaram em pleno esse legado de amor e paz no mundo ao carregarem juntos um ramo de oliveira lá onde for preciso.

Aquele ramo de paz também é a base da nossa alimentação: não faz diferença que comamos massa ou peixe, afinal o que sobra nos nossos pratos após uma boa refeição é um fio de azeite da azeitona, a realçar que nossas raízes comuns assentam profundamente no que abrange a nutrição, os sabores, os produtos de nossos territórios e de nossos mares. A unir-nos na dieta mediterrânica, reconhecida pela UNESCO como um património que os países do sul da Europa colocaram à disposição da Humanidade inteira.

Será que podem existir dois povos diferentes que tenham mais em comum do que os portugueses e os italianos têm?

> **A História é uma coisa importante, para nós italianos, e para nós portugueses. O que aconteceu há mil anos, há 500 anos, ainda hoje determina e orienta nossas vidas e nossas convicções."**

Embaixador de Itália em Portugal

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Nuno Sepúlveda é epidemiologista e professor na Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres.

Fadiga crónica e covid longo: doenças invisíveis que param vidas

SAÚDE Epidemiologista Nuno Sepúlveda participou em Lisboa num congresso internacional onde se falou sobre estas síndromes. A fadiga que provocam dificulta atividades do dia a dia.

TEXTO **SARA AZEVEDO SANTOS**

A Encefalomielite Miálgica (EM), também conhecida como Síndrome da Fadiga Crónica (SFC), é uma doença invisível que faz com que que as atividades mais simples do dia a dia, como ir trabalhar ou subir umas escadas, se tornem num fardo. O covid longo tem sintomas semelhantes a esta síndrome e o seu surgimento pode trazer um novo fôlego para investigação. Nuno Sepúlveda é epidemiologista e professor na Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, e foi durante o pós-doutoramento que conheceu um grupo que se dedicava ao estudo da Encefalomielite Miálgica.

A Síndrome da Fadiga Crónica não tem uma causa conhecida e não é detetável em exames laboratoriais e de diagnóstico e, por isso, o diagnóstico é feito por exclusão de outras doenças com sintomas semelhantes. "O que é mais característico nesta síndrome é que as pessoas são intolerantes ao esforço, tanto físico como mental. Atividades que são rotineiras como subir umas escadas, ler um livro ou estar numa reunião de trabalho passam a ser muito complicadas para estas pessoas", diz ao DN Nuno Sepúlveda, que esteve recentemente em Lisboa para a primeira conferência internacional sobre covid longo.

Segundo a Myos, a Associação Nacional contra a Fibromialgia e Fadiga Crónica, os sintomas da Encefalomielite Miálgica/Síndrome da Fadiga Crónica variam de pessoa para pessoa e, na mesma pessoa, variam de intensidade ao longo do tempo. Os principais sintomas são fadiga, mal-estar pós-esforço problemas cognitivos e de memória, gânglios linfáticos dolorosos e dor de garganta, dificuldade em estar de pé ou sentado, mesmo que por pequenos períodos de tempo, dor de cabeça, dor muscular ou articular, sono não-reparador ou hipersensibilidade.

> Os sintomas da Síndrome de Fadiga Crónica, ou Encefalomielite Miálgica, variam de pessoa para pessoa e, na mesma pessoa, variam de intensidade ao longo do tempo.

Outros sintomas podem incluir dificuldade em engolir, febre baixa, distúrbios intestinais, ansiedade e depressão, alergias, tremores e suores noturnos.

Nesta síndrome, a fadiga varia e, segundo o médico, este acaba por se tornar num dos grandes problemas. "Na Síndrome de Fadiga Crónica, as pessoas sentem-se com energia, sentem que o cansaço passou, passam a querer ter uma vida normal e aí têm o chamado *crash*."

Após esta quebra, a pessoa volta a ter níveis de energia muito baixos e tem de voltar para casa. "Isto causa um problema de dinâmica, principalmente em termos profissionais, em que as pessoas regressam ao trabalho passado um tempo de baixa e quando regressam a casa estão novamente de rastos. E isto passa a ser um ciclo vicioso. O que acontece é que, depois, as próprias empresas têm dificuldade em manter essas pessoas nos quadros."

Como se relacionam a SFC e o covid longo?

Pessoas que são e foram infetadas pelo SARS-CoV-2 afirmam que continuam com alguns sintomas semanas após a infeção, incluindo fadiga, falta de ar, cansaço excessivo para esforços ou alterações cognitivas ou do sono. Estes sintomas têm depois um forte impacto na forma como conseguem viver a sua vida, tal como com a Síndrome da Fadiga Crónica.

A SFC pode ser provocada por infeções virais ou bacterianas e o covid longo surge também após uma infeção, neste caso por SARS-CoV-2. "Em ambos os casos, à partida, o organismo resolveu a infeção, mas as pessoas continuam a sofrer os sintomas. Em termos de mecanismo da doença em si, poderá em parte estar relacionado com as doenças autoimunes. Ou seja, o covid longo e o SFC têm uma componente em que o sistema imunitário está extremamente ativo, provocado por uma resposta que primeiro foi para o agente infeccioso e que depois passou para as componentes do nosso próprio corpo, tornando-se num ciclo crónico persistente nesse aspeto", explica o professor.

Atualmente não existe um tratamento para estas condições pelo facto de os sintomas variarem de pessoa para pessoa. "O que a comunidade médica faz é mais ou menos gestão de sintomas. Atualmente está a fazer-se investigação de ponta para verificar se medicamentos que são mais indicados para cancro ou doenças autoimunes, podem ser aplicados neste contexto. Mas ainda estamos em fase de testes."

O médico considera que o desconhecimento de critérios de diagnóstico faz com que as pessoas que surjam com estes sintomas possam ter diagnósticos errados.

Nuno Sepúlveda considera que a preocupação da comunidade médica e científica com o covid longo trouxe mais reflexão sobre o SFC.

"A Síndrome de Fadiga Crónica surgiu muitas vezes em contextos de epidemias e surtos e, por isso, foi mais ou menos natural o surgimento do covid longo. Muito recentemente, em 2015, houve um surto de ébola em África e nos estudos de seguimento desse surto detetou-se que muitos profissionais de saúde continuaram com muitos sintomas mesmo depois de terem combatido a infeção", diz o Nuno Sepúlveda.

O médico conclui lembrando que nestes casos, em termos de política de saúde, não há proteção do trabalhador, o que impede a pessoa de ter uma baixa incapacitante ou uma reforma antecipada.

sara.a.santos@dn.pt

Lisboa é o primeiro consulado a emitir novo passaporte brasileiro

SEGURANÇA Pela primeira vez, documento passa a ser disponibilizado também no exterior, a começar pelo posto de Lisboa. São mais de 20 funcionalidades de certificação inéditas que aumentam o grau de segurança do passaporte. Só na capital portuguesa são emitidos 60 por dia.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Nos próximos dias todos os passaportes emitidos no Consulado-Geral do Brasil em Lisboa terão uma nova identidade. O posto é o primeiro fora do país a disponibilizar o documento, lançado no Brasil em setembro do ano passado. Segundo o cônsul-geral Wladimir Valler Filho, a capital portuguesa é escolhida com frequência para ser uma referência no início de novas práticas, pela experiência da equipa e pelo alto volume de atendimentos realizado diariamente. Somente em passaportes, são emitidos 60 por dia, uma média de 1200 por mês.

Os primeiros documentos já foram testados e, nos próximos dias, todos terão a nova identidade. De acordo com Paulo Thiago Soares, responsável pelo setor de documentos de viagem, o passaporte possui mais de 20 novidades que visam aumentar o grau de segurança. Alguns são visíveis, como o microtextos e impressão em alto-relevo e inscrição do número de cadastro único dos cidadãos, enquanto outros são invisíveis a olho nu. É o caso, por exemplo, dos fios e fibras de segurança luminescentes, de uma marca d'água sob luz UV e fundos em *offset*. A foto também é impressa de forma codificada e alfanumérica.

Outra mudança é estética – mas que também garante mais segurança. A cada duas páginas, o fundo e cores do papel é diferente, enquanto no anterior eram todas iguais. Foram desenhas imagens personalizadas que retratam os diferentes biomas brasileiros, como a Amazónia e as pampas, representadas por elementos da fauna e flora. Animais como capivara, tartaruga e cavalo marinho são alguns dos desenhos.

O cônsul-geral Wladimir Valler Filho e a diplomata Marcela Pompeu.

Segundo Paulo Thiago Soares, todos esses aspetos fazem com que, além de ficar mais colorido e bonito, seja mais difícil falsificar o documento. Mesmo com as novidades, o preço do passaporte continuará o mesmo: 132 euros.

A validade de 10 anos para os passaportes de adultos também permanece. Os documentos do modelo anterior continuam vigentes até expirarem, sem necessidade de troca antes de caducar. "É importante que as pessoas saibam que os demais continuam válidos, sem nenhum problema", reforça o cônsul-geral.

Depois de consolidado o serviço em Lisboa, a funcionalidade será disponibilizada nos postos consulares do Porto e Faro. O passaporte já foi premiado pela *High Security Printing* como "o melhor novo passaporte em 2023 para a América Latina".

Novo Sistema de Raio-X

Outra novidade, que começa hoje, é a instalação de um Sistema de Raio-X na entrada do consulado, igual aos utilizados nos aeroportos. De acordo com Wladimir Valler Filho, não houve nenhum incidente que tenha motivado o aumento do grau de segurança e o objetivo é a prevenção. "É apenas uma precaução e modernidade, para segurança especialmente dos nosso consulentes", explica o embaixador. Todos os dias, passam pelo local de 400 a 500 pessoas.

Com a instalação do raio-X, mudou a porta de entrada e também foi instalada uma nova parede de proteção. Quando o cidadão chegar ao consulado, terá de passar os pertences, como malas e mochilas, numa bandeja pelo sistema, para verificar se há algum objeto ilícito. Também será necessário passar pelo detetor de metais, processo idêntico ao realizado em aeroportos e noutros locais com alto grau de segurança. No caso de pessoas que não possam usar o equipamento, será realizada uma verificação com *scanner* corporal.

"O processo visa exclusivamente a garantir a segurança, sobretudo dos usuários para estarem aqui em maior segurança connosco", reforça. Segundo o cônsul-geral, Lisboa não é o primeiro posto no exterior a ter a proteção adicional. Outros consulados já possuem a funcionalidade, que tem vindo a ser investida pelo Governo brasileiro em vários países.

O posto da capital portuguesa é um dos maiores do mundo. Portugal é o segundo território fora do Brasil com maior número de residentes brasileiros, atrás apenas dos Estados Unidos.

amanda.lima@globalmediagroup.pt

Menores refugiados foram para Centro de Acolhimento

PRAZO Jovens têm cinco dias para juntarem "factos novos" ao processo inicial de proteção internacional.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Os dois menores senegaleses colocados fora do edifício da Agência para a Integração, Migração e Asilo (AIMA) na semana passada estão agora num Centro de Acolhimento. A informação foi avançada ontem ao DN pelo Instituto da Segurança Social (ISS). De acordo com o instituto, os requerentes de asilo foram retirados da rua na sexta-feira à tarde, após terem passado a noite no largo da Igreja dos Anjos, em Santos. O pedido foi feito na sexta à tarde pela AIMA. O procedimento passa por acionar o Instituto quando o Conselho Português para os Refugiados e a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa não possuem resposta. A Agência solicitou o encaminhamento quase 24 horas depois de os jovens terem sido informados por uma técnica da AIMA de que seriam colocados numa instituição. A lei portuguesa e da União Europeia (UE) determina que os menores desacompanhados recebam acolhimento enquanto aguardam o processo. O caso foi denunciado pelo DN na semana passada. Na quinta-feira à tarde, a dupla recebeu atendimento nas tendas temporárias da AIMA. A justificativa da Agência é de que eles tinham disparidades nos dados apresentados, nomeadamente em relação à idade. Nos primeiros pedidos, as entrevistas decorreram sem a presença de um tradutor de *wolof*, único idioma que dominam. Na altura, os dois primeiros procedimentos foram registados como se fossem adultos. Diante da falta de profissional de tradução por parte da AIMA, a advogada pediu a uma tradutora voluntária, que foi até o local para ajudar no atendimento. Com o serviço voluntário, os senegaleses puderam expressar-se e relataram que haviam omitido a idade por estarem com medo e por não entender o que estava a ser perguntado. Uma peritagem será realizada para determinar a idade dos requerentes. A agência "avaliou a situação como sendo uma tentativa manifesta de fraude com o objetivo de obtenção de benefícios indevidos". Ao mesmo tempo, a AIMA "deu um prazo de cinco dias a estes utentes para juntarem ao processo inicial de asilo os factos novos que considerem relevantes".

amanda.lima@globalmediagroup.pt

Desemprego do IEFP tem pior momento desde a pandemia, oferta de emprego também

IEFP Setores mais fustigados no primeiro trimestre são as atividades imobiliárias, a dupla alojamento e restauração. Indústria do couro e calçado teve subida impressionante de 77%.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

O número de pessoas inscritas como desempregadas nos centros de emprego públicos (rede do IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional) registou, no primeiro trimestre deste ano, o maior aumento desde o pior momento da pandemia (primeiro trimestre de 2021), indicam dados oficiais do instituto tutelado pelo Ministério do Trabalho.

O volume de ofertas de emprego por parte de empresas também está em forte declínio, tendo baixado ao ritmo mais elevado desde esse início de 2021, de acordo com um levantamento feito pelo DN/Dinheiro Vivo.

Recorde-se que no começo de 2021, quando se vivia a fase mais letal da doença covid-19, a economia mais baseada em contactos pessoais estava praticamente paralisada por causa dos confinamentos decretados para travar a circulação do vírus. Muitas empresas faliram, outras foram obrigadas a fechar portas temporariamente, ou a reduzir drasticamente a atividade.

Segundo o IEFP, em março deste ano, o total de desempregados registados no País foi superior ao verificado no mesmo mês de 2023, em mais 18 459 casos, ou seja, um aumento homólogo de 6%. No final do primeiro trimestre havia 324 616 pessoas sem trabalho registadas nos serviços de emprego.

"Para o aumento do desemprego registado, face ao mês homólogo de 2023, na variação absoluta, contribuíram os inscritos há menos de 12 meses (+19 204), os que procuram um novo emprego (+17 029) e os detentores do ensino secundário (+16 365)", explica o IEFP na nova síntese de informação mensal.

De acordo com dados também ontem divulgados, em março, o número de beneficiários de prestações de desemprego em março aumentou 9,1% em termos homólogos, para 195 359 pessoas.

Significa isto que mais de um terço dos desempregados não auferem qualquer tipo de apoio contra a situação de desemprego. Cerca de 64% do total (195 359) têm subsídio.

Oferta de empregos esvai-se

O retrato do mercado de trabalho feito pelo IEFP também sinaliza outra situação preocupante: uma forte retração nas ofertas de trabalho através da rede do IEFP.

Com as taxas de juro em níveis muito elevados, muitas empresas estarão a sentir dificuldades em ampliar ou manter os seus negócios. As ofertas de emprego no final do primeiro trimestre fixaram-se em apenas 12,1 mil, uma quebra de 27% face a igual período do ano passado.

"As ofertas de emprego por satisfazer, no final de março de 2024, totalizavam 12 113 nos Serviços de Emprego de todo o País. Este número corresponde a uma diminuição das ofertas na análise anual (-4509; -27,1%)", confirma.

Dito isto, é preciso recuar a 2020 para se encontrar uma redução maior nas ofertas de emprego no primeiro trimestre, mostra o mesmo levantamento feito pelo DN/DV com recurso a dados do IEFP.

O desemprego é um fenómeno grave, sobretudo na atual conjuntura de juros em máximos e perda de poder de compra no cabaz alimentar (que continua a ser amplamente penalizado pela inflação muito elevada), mas é sobretudo crítico para as famílias onde o casal (casamentos e uniões de facto) tem as duas pessoas sem trabalho em simultâneo. Segundo o IEFP, o número de casos em que ambos os elementos do casal estão desempregados aumentou quase 6% entre março de 2023 e igual mês deste ano (para 5032 casos), o maior aumento desde o tempo da pandemia (março de 2021).

Norte, imobiliário, alojamento e restauração no vermelho

Segundo o Instituto, que até março foi tutelado pela ex-ministra Ana Mendes Godinho e agora está sob a égide da sua sucessora Maria Palma Ramalho, o maior contributo para a subida total do desemprego registado (+19,1 mil casos em termos absolutos) vem da região Norte (8,5 mil casos registados, metade, portanto), mas a maior subida homóloga acontece no Algarve (mais 14%).

A mesma nota estatística indica que os setores mais fustigados pelo desemprego no primeiro trimestre deste ano são as Atividades Imobiliárias (mais 9,6 mil pessoas registadas nos centros do IEFP face a março de 2023); Alojamento e Restauração (mais 3,2 mil pessoas sem trabalho); Indústria do couro e calçado (mais 1,9 mil desempregados e a maior subida homóloga, uns impressionantes 77%). O setor do fabrico de vestuário acrescentou mais mil desempregados à lista do IEFP, sendo o quarto pior caso setorial em termos evolutivos.

Só houve um setor onde o desemprego do IEFP não subiu: banca e seguros, onde o número de registados caiu 36 pessoas.

Cenários benignos

Apesar deste retrato pouco favorável, as principais instituições continuam a apontar para uma estabilização da taxa de desemprego e para um dinamismo do emprego, ainda que ligeiro.

Segundo o FMI, que tem as contas mais recentes, a criação de emprego esperada para este ano até é significativamente mais forte do que diz o Governo (ambas assumindo políticas invariantes, apenas o efeito do Orçamento do Estado de 2024 já aprovado e em vigor).

O Fundo aponta para um acréscimo líquido de 1% no emprego nacional, ao passo que o Governo PSD-CDS só vê uma subida de 0,4% na atualização ao Programa de Estabilidade (PE 2024-2028). É mais do dobro, segundo diz o FMI.

No desemprego, idem. A instituição liderada por Kristalina Georgieva prevê uma pequena descida da taxa de desemprego de 6,6% da população ativa em 2023 para 6,5% este ano. O PE 2024-2028 antevê uma subida ligeira de 6,5% para 6,7%.

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

JOSÉ CARLOS PRATAS/GLOBAL IMAGENS

Mais de um terço dos desempregados não auferem qualquer tipo de apoio.

JOHN THYS / AF

Aposta das empresas em frotas elétricas é uma das respostas às exigências do ESG.

Só 9% das empresas têm alto nível de sustentabilidade

TABELA Análise a mais de 60% do tecido empresarial mostra que há ainda muito a percorrer nos pilares ambiental, social e de governança.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

Só 9% das empresas em Portugal têm um elevado cumprimento das boas-práticas de sustentabilidade ambiental, social e de governança. Em causa estão os chamados pilares ESG, do inglês *environmental, social and corporate governance*, criados pelo Pacto Global da Organização das Nações Unidas, em parceria com o Banco Mundial, há 20 anos, mas que, só agora, começam a entrar no léxico da maioria das empresas. Ou não tivessem elas de, a partir de 2027, começar a apresentar os seus dados de sustentabilidade nestas várias vertentes. "O desempenho não-financeiro está a ganhar peso e será cada vez mais relevante na avaliação das empresas", alerta a diretora-geral da Informa D&B.

Teresa Cardoso de Menezes lembra que, embora a obrigatoriedade de apresentar dados sobre as práticas de sustentabilidade abranja, ainda, um número limitado de empresas, ano após ano são cada vez mais. E garante que os números provam que, não só as empresas com melhores resultados ao nível das suas práticas ambientais, sociais e de governança "têm melhor desempenho" a nível de negócio, como há uma "relação nítida" entre a dimensão das empresas e o cumprimentos das normas de sustentabilidade.

A partir da análise aos dados de 237 mil micro e pequenas e médias empresas, amostra que representa 62% do tecido empresarial nacional, a Informa D&B criou um *Score ESG*, uma espécie de tabela que mostra como é que cada empresa se situa relativamente às restantes.

Componente social em alta

Assim, revelam os dados da Informa D&B que só 9% das empresas têm uma avaliação ESG elevada, sendo que 22% têm uma pontuação média-alta, 38% média, 21% reduzida e 10% ficam-se pelo patamar mínimo. Das três áreas analisadas, é a componente social, que analisa questões relativamente aos funcionários, mas também ao envolvimento com fornecedores e com a comunidade, a que regista maior percentagem de avaliações elevadas ou médias-altas, num total de 33%. O setor com maior peso de elevado cumprimento de regras ESG é o dos serviços empresariais, sendo que só 4% deste setor se situa no patamar inferior, o mínimo. No extremo oposto, a agricultura e outros recursos naturais tem 16% de empresas com avaliação mínimo e apenas 5% com elevado.

Os dados mostram ainda que "existe uma relação" entre a avaliação e o desempenho. "Entre as empresas com *Score ESG* elevado, quase 90% tem um resultado líquido positivo, uma percentagem que vai descendo à medida que desce também o *Score ESG*. A mesma relação existe com o volume de negócios – quanto maior o *Score ESG*, maior é a percentagem com um crescimento médio do volume de negócios positivo", refere a consultora, que analisou dados de 2019 a 2022.

As regras de reporte de informação não-financeira da União Europeia, a chamada *Diretiva NFRD*, estabelecem que, a partir de 2025, as cotadas e os grandes bancos e seguradoras terão de dar conhecimento ao mercado das suas informações de sustentabilidade, sendo que, em 2026, essa obrigatoriedade se estende a todas as grandes empresas. No ano seguinte, juntam-se as pequenas e médias empresas cotadas e outras instituições de crédito e seguradoras, num total de 1500 entidades. Dois anos depois, a obrigatoriedade estende-se às subsidiárias e sucursais de empresas de países terceiros. A questão é que tudo irá funcionar por arrasto, já que as grandes empresas são obrigadas a "responder" pelo cumprimento das boas regras por parte de toda a sua cadeia de valor, exigindo dos seus fornecedores a apresentação de dados comprovativos destas boas práticas.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Equinix expande centro de dados do Prior Velho

TECNOLOGIA Construção de um segundo edifício permitirá ao centro de dados quase triplicar a sua capacidade. Investimento próximo dos 100 milhões.

TEXTO **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

A norte-americana Equinix vai expandir para um segundo edifício o *data center* (centro de dados) que tem no Prior Velho (concelho de Loures, distrito de Lisboa), revelou ontem Carlos Paulino, *managing director* da subsidiária portuguesa, no *CC-Submarine & TIS Summit 2024*, organizado pela Carrier Community, um clube mundial para empresas e empresários do indústria das telecomunicações, que decorre até em Cascais.

"Vamos anunciar em breve a nossa expansão em Lisboa. Vamos quase triplicar a nossa capacidade", afirmou Paulino no painel de abertura – *Modelos de negócio emergentes e estratégias de investimento para satisfazer a futura procura digital na tecnologia por cabo*.

À margem daquele primeiro painel, o gestor confirmou ao DN/Dinheiro Vivo os planos de expansão, que já estão em curso, e serão anunciados em breve.

Embora tenha remetido para o anúncio oficial todos os detalhes relevantes, Carlos Paulino explicou: "Estamos a construir um edifício com aproximadamente o dobro da capacidade do primeiro edifício. Em termos de utilidade, estamos a falar num segundo edifício com [capacidade de] 10 *megawatts*, sendo que estamos já a trabalhar com densidades mais elevadas em soluções, obviamente, orientadas a sustentabilidade."

Um centro de dados aloja e gere equipamentos tecnológicas – por exemplo, servidores com capacidade massiva para suportar grandes volumes de dados e de tráfego ininterruptamente. Empresas como a Equinix são fornecedores de conectividade e, por isso, a infraestrutura digital que disponibilizam a empresas de telecomunicações e fornecedores de serviços de Internet consomem grandes volume de energia. Daí que o aumento da capacidade do centro de dados do Prior Velho seja medido em *megawatts*.

O *managing director* da Equinix Portugal não revelou o investimento feito, mas admitiu estar "próximo" dos cem milhões de euros.

Atualmente, a Equinix serve em Portugal "cerca de cem" empresas, "aproximadamente 50 são prestadores de serviços de telecomunicações e *network services providers*". Com a procura por infraestruturas digitais a crescer, a expansão das instalações tornou-se imperativa para, segundo o gestor, "entregar abordagens mais resilientes a qualquer cliente" e aumentar os espaços dedicados a cada empresa que a Equinix serve.

A multinacional, que está em Portugal desde 2017, quando adquiriu a Itconic, decidiu expandir o centro de dados, porque "houve um progresso na perceção da importância que Portugal tem no desenvolvimento das comunicações, em particular , no Atlântico Sul".

"É uma clara demonstração que acreditamos no país", conclui Carlos Paulino.

jose.rodrigues@dinheirovivo.pt

JUNG YEON-JE / AFP

Equinix está em Portugal desde 2017, quando adquiriu a Itconic.

AFP

Imagem captada ontem e que mostra o estado de destruição em Khan Yunis.

Ataque surpresa em Khan Yunis

As tropas israelitas voltaram ontem a abrir caminho para uma secção oriental de Khan Yunis por meio de um ataque surpresa, de acordo com notícias avançadas pela Reuters. Um ataque que fez com que palestinianos que tinham regressado para casas abandonadas nas ruínas da principal cidade do sul da Faixa de Gaza tivessem de fugir mais uma vez. Além deste ataque, o Exército israelita bombardeou ontem também os campos de refugiados de Nuseirat e Maghazi, assim como o litoral em Deir el Balah, no centro da Faixa de Gaza, bem como Rafah, no sul, tal como Khan Yunis. Os ataques atingiram ainda o Bairro de Zeitoun, na cidade de Gaza, no norte, e vários *drones* explodiram no pátio de uma escola, no campo de Al Bureij, no centro. O Exército israelita alertou que permanecem operacionais durante o feriado da Páscoa judaica e "estão em plena prontidão em todas as áreas".

Israel sofre primeira demissão por causa do 7 de Outubro. E Netanyahu?

GUERRA Líder da oposição israelita, Yair Lapid, pediu ao primeiro-ministro para seguir o exemplo do diretor do Serviço de Inteligência Militar, que renunciou ontem ao seu cargo.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O diretor do Serviço de Inteligência Militar de Israel, general Aharon Haliva, apresentou ontem o pedido de demissão pela sua "responsabilidade" no ataque do Hamas, tornando-se assim o primeiro alto funcionário israelita a renunciar ao cargo por não ter conseguido impedir os acontecimentos do 7 de Outubro, que desencadearam a guerra em Gaza e colocaram o Governo e os militares sob intenso escrutínio em Israel. O líder da oposição, Yair Lapid, pediu a Benjamin Netanyahu que siga este exemplo e abandone o poder.

"A Divisão de Inteligência sob o meu comando não cumpriu a tarefa que nos foi confiada. Carrego aquele dia negro comigo desde então, dia após dia, noite após noite. Levarei a dor comigo para sempre", escreveu Haliva na sua carta de demissão, na qual confirmou que se manterá em funções até ser substituído. "Até ao final do meu turno farei tudo pela derrota do Hamas e daqueles que nos querem prejudicar e, trabalharei pelo regresso dos cativos e desaparecidos às suas casas e terras", referiu ainda. A 7 de outubro, o Hamas matou 1170 pessoas e sequestrou 253, acreditando-se que 129 reféns ainda estejam nas mãos dos islamistas.

Pouco depois de ser conhecida a demissão de Haliva, o líder da oposição israelita, Yair Lapid, pediu ao primeiro-ministro Benjamin Netanyahu que siga este exemplo e se demita por causa das falhas que levaram ao ataque do Hamas. "Com a autoridade vem uma grande responsabilidade", escreveu Lapid na rede social X, considerando "honrosa" a decisão do general. "Teria sido apropriado que o primeiro-ministro Netanyahu tivesse feito o mesmo", acrescentou Lapid.

No mesmo sentido, Vladimir Beliak, outro deputado do Partido Yesh Atid, de Lapid, apelou à demissão "imediata" do líder israelita, independentemente da criação de uma Comissão de Inquérito Estatal para identificar os responsáveis pela gestão da "tragédia" do 7 de Outubro. Por enquanto, o único inquérito ainda em curso é o que o Exército abriu internamente no final de fevereiro, cujas conclusões deverão ser apresentadas ao chefe do Estado-Maior israelita, Herzi Halevi, no início de junho.

> "A última coisa de que precisamos, neste momento, são de eleições e lidar com eleições, uma vez que isso nos dividirá imediatamente", afirmou o primeiro-ministro israelita em meados de fevereiro, quando confrontado com protestos a pedir eleições antecipadas.

Na opinião de Omar Ashour, professor no Doha Institute for Graduate Studies, a carta de demissão do general Aharon Haliva foi uma "clara sugestão ou provocação" para que Netanyahu seguisse o seu exemplo e se demitisse. "Mas conhecendo Netanyahu, é altamente improvável que mude de posição. Teremos que esperar para ver, sempre há surpresas nesta guerra", prosseguiu este especialista britânico.

Também Akiva Eldar, escritor israelita e antigo colunista do *Haaretz*, disse que Haliva se demitiu porque, provavelmente, Netanyahu não vai acabar com a guerra em Gaza tão cedo, mas também porque o primeiro-ministro "não está interessado em trazer os reféns de volta para Israel". "Netanyahu é a autoridade máxima e nunca assumiu a responsabilidade [pelo ataque do Hamas], então Haliva quis enviar uma mensagem pessoal para lhe dizer: 'Se eu consigo, você consegue'", disse Eldar, em declarações à Al Jazeera.

Em meados de fevereiro, e perante os crescentes protestos em várias cidades a pedir a sua demissão, Netanyahu afastou um cenário de eleições antecipadas. "A última coisa de que precisamos, neste momento, são de eleições e lidar com eleições, uma vez que isso nos dividirá imediatamente", disse, na altura, sendo que os protestos contra a ação do Governo têm sido uma constante. Este sábado não foi exceção e milhares de israelitas voltaram às ruas a pedir novas eleições e a exigir mais ações do Governo para trazer para casa os reféns detidos em Gaza.

Duas sondagens publicadas a propósito dos seis meses da guerra contra o Hamas, mostram que quase três quartos dos israelitas querem que o primeiro-ministro se demita, com quase metade do país também a preferir eleições antecipadas para o Parlamento. É também mostrado que o Governo seria derrotado caso fosse agora a votos.

Os números da estação pública Kan mostram que 42% consideram que Netanyahu devia renunciar já, e 29% que devia renunciar após o fim da guerra, perfazendo um total de 71% que defendem sua demissão. Já os do Channel 12 referem que 50% acreditam em eleições antecipadas, 41% são contra e 9% disseram que não sabem.

ana.meireles@dn.pt

Acusação aposta em "conspiração" e defesa de Trump na sua inocência

EUA As declarações iniciais no julgamento do ex-presidente, acusado de falsificar registos para pagar o silêncio de uma estrela pornográfica, revelam a estratégia que os dois lados vão usar.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

É uma história de encobrimentos, de "jornalismo de livro de cheques", de fraude e principalmente de "conspiração" aquela que o procurador-adjunto de Nova Iorque, Matthew Colangelo, teceu durante as declarações iniciais no primeiro julgamento criminal de Donald Trump. Uma história que manteve os 12 jurados atentos e que, da parte do ex-presidente, valeu alguns abanos de cabeça e notas passadas aos seus advogados. Quando chegou a hora de Todd Blanche tomar a palavra, este insistiu da inocência de Trump e deixou ver como vai tentar desacreditar a principal testemunha da acusação, o ex-advogado do milionário, Michael Cohen.

Ao longo das próximas seis semanas (são as previsões do juiz Juan Merchan), a acusação tentará convencer os jurados de que Trump é culpado de 34 crimes de falsificação de registos empresariais para esconder um pagamento de 130 mil dólares feito a Stormy Daniels. O dinheiro foi usado para reembolsar Cohen, que durante a campanha presidencial de 2016 comprou o silêncio da atriz pornográfica em relação a um caso que esta terá tido com o republicano.

Do lado da defesa, não é preciso provar que ele é inocente, basta criar "dúvida razoável" nos jurados e esperar que estes ilibem Trump.

Antes de se focar nas acusações, o procurador quis contar a história de uma "conspiração criminosa" entre Trump, o seu então advogado e o diretor na altura do tabloide *National Enquirer*, David Pecker. O objetivo era ajudar a campanha do candidato republicano, publicando as histórias favoráveis sobre Trump, mas escondendo as negativas, ao mesmo tempo que denegria os seus adversários.

Colangelo descreveu a prática do "*catch and kill*" (que traduzido à letra significa "apanhar e matar"), explicando que o tabloide praticava o "jornalismo de livro de cheques", comprando histórias que podiam ser prejudiciais para o então candidato e "enterrando-as" para que nunca viessem a público. A acusação fala de três histórias: o caso com Stormy Daniels, outro com uma antiga modelo da *Playboy* e a história de um porteiro da Trump Tower, que alegou que ele teve um filho com uma amante.

O procurador-adjunto explicou como a história de Stormy Daniels surgiu numa altura em que Trump já enfrentava as críticas por causa de um vídeo, onde tratava as mulheres de forma negativa, e que mais uma polémica podia ser "devastadora" para a campanha. Assim, Daniels recebeu 130 mil dólares em troca do seu silêncio.

O crime que está, contudo, em causa não é o pagamento, mas a forma como Trump terá estado diretamente envolvido na falsificação dos registos empresariais para reembolsar Cohen pelo dinheiro que pagou. "Foi fraude eleitoral, pura e simples", explicou Colangelo, insistindo que o objetivo era esconder a informação e assim manipular as eleições.

> "Não há nada errado em tentar influenciar as eleições", lançou o advogado de Trump, alegando que isso é "democracia". Defesa vai tentar destruir a testemunha-chave da acusação, Michael Cohen.

"O presidente Trump é inocente. O presidente Trump não cometeu qualquer crime", lançou o principal advogado da defesa. A tática no julgamento passará por insistir que nada do que aconteceu foi inapropriado. "Não há nada errado em tentar influenciar as eleições", lançou Todd Blanche, alegando que isso é "a democracia". E avisou que a acusação "tentará colocar algo sinistro nesta ideia, como se fosse um crime", explicando aos jurados que "vão aprender que não é".

Os advogados de Trump vão também procurar destruir a testemunha-chave da acusação, Michael Cohen, argumentando que ele mentiu já em tribunal (foram proibidos pelos juiz de falar em "perjúrio"). Disseram que ele é um "criminoso" – cumpriu pena por evasão fiscal e violação das regras de financiamento eleitoral – e vão dizer que é um interesseiro. Alegaram que queria um lugar na Administração de Trump, mas não teve, e que é "obcecado" pelo ex-presidente, que já disse que gostaria de ver na prisão. Em relação à acusação propriamente dita, fala em "34 pedaços de papel" com as quais Trump não tem nada a ver.

O ex-presidente e candidato de novo à Casa Branca, voltou a dizer aos jornalistas nos corredores do tribunal que é inocente. "Isto é uma caça às bruxas de Biden para me afastar da campanha", repetiu, apontando de novo o dedo ao atual presidente norte-americano, Joe Biden. O julgamento decorre com jornalistas na sala, que vão informando ao minuto sobre o que está a acontecer, mas não é transmitido em direto na televisão (nem sequer existe divulgação do áudio). Haverá uma transcrição diária.

O dia de ontem em tribunal foi mais curto do que o normal, com a sessão a ser apenas de manhã, mas ainda assim deu para a acusação chamar a primeira testemunha – o ex-diretor do tabloide, David Pecker. Este falou de como pagava pelas histórias e que tudo acima de dez mil dólares tinha de passar por ele. Regressa ao banco de testemunhas hoje, não sendo ainda claro se Trump ou Stormy Daniels irão ser chamados a testemunhar.

susana.f.salvador@dn.pt

ANGELA WEISS / POOL / AFP

Trump em tribunal. Ex-presidente diz-se inocente e denuncia "caça às bruxas" de Biden.

BREVES

Equatorianos apoiam luta contra o crime

Os equatorianos manifestaram no domingo em referendo um amplo apoio às propostas do presidente do país, Daniel Noboa, na luta contra o crime organizado, mas rejeitaram parte das suas reformas económicas. Entre as onze questões que faziam parte do plebiscito, o "Sim" venceu com valores entre 73,05% e 61,97% em nove questões e o "Não" prevaleceu nas propostas de arbitragens internacionais (64,88%) e contratos de trabalho por hora (68,83%). Há três questões que entrarão em vigor assim que forem anunciados os resultados oficiais: participação permanente das Forças Armadas ao lado da polícia nas operações contra o crime organizado, extradições aos equatorianos exigidas pela Justiça de outros países, e estabelecimento de um sistema de tribunais em matéria constitucional.

Sunak quer operação para o Ruanda até julho

O primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak, anunciou ontem que o projeto de deportação de imigrantes ilegais para o Ruanda, que enfrenta há dois anos obstáculos legais, será aplicado "independentemente do que acontecer" e que os voos para o país africano começarão em "dez ou 12 semanas", ou seja, até julho. "Descolarão, independentemente do que acontecer", insistiu Sunak ontem, no dia em que este projeto de lei terá sido discutido e votado no Parlamento britânico. O primeiro-ministro disse ainda prever "múltiplos" voos por mês durante os meses de verão. Peritos da ONU manifestaram ontem preocupação com o papel das companhias aéreas e das autoridades de aviação no cumprimento dos direitos humanos devido às expulsões "ilegais para o Ruanda" ao abrigo do acordo com Londres.

Tecnologia para navios alvo de alegados espiões da China na Alemanha

ESPIONAGEM Polícia alemã deteve três suspeitos. Em Londres, outro suposto espião tinha acesso ao atual secretário de Estado da Segurança.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Uma semana depois de o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, ter abordado a questão do roubo de propriedade intelectual (entre outros temas) numa viagem a Pequim, a polícia alemã deteve três pessoas suspeitas de trabalharem com os serviços secretos chineses tendo como alvo a venda de tecnologia naval de ponta – que pode ser usada com objetivos militares. As detenções surgem no mesmo dia em que, no Reino Unido, são conhecidas as acusações contra outros dois alegados espiões da China, detidos há mais de um ano, um dos quais com acesso ao atual secretário de Estado da Segurança.

Na Alemanha, os três suspeitos – identificados como Thomas R. e o casal Herwig F. e Ina F. – foram detidos em Bad Homburgo vor der Höhe e Düsseldorf. As autoridades alemãs acreditam que o primeiro trabalhava como agente para um funcionário da secreta chinesa e estava interessado em tecnologia que pudesse ser usada com fins militares. Para isso, recorreu aos serviços do casal. Este tinha uma empresa em Düsseldorf e, através dela, estava em contacto com investigadores e cientistas alemães.

Os dois fizeram um acordo com uma universidade alemã em nome de um parceiro chinês para a compra de peças de motores de navios, que podem ser usadas em navios de combate, segundo a radiodifusão alemã Deutsche Welle. Um dos suspeitos estava em negociações para outros projetos de investigação que poderiam ser usados pela Marinha Chinesa. Também terá sido comprado um *laser* que foi exportado para a China sem autorização, apesar da regulação europeia sobre material de uso duplo (isto é, civil, mas também militar).

A ministra do Interior alemã, Nancy Faeser, disse que em causa estava material "particularmente sensível" e lembrou, em comunicado, que o Governo está atento a estes "riscos e ameaças". Desta forma, a segurança já foi aumentada.

Já o titular da pasta da Justiça, Marco Buschmann, felicitou as autoridades pelas detenções, reiterando a necessidade de o país estar "vigilante".

No relatório anual do ano passado, os Serviços Militares de Contra inteligência alemães alertaram para o risco que representam os projetos conjuntos entre as Forças Armadas da Alemanha e da China, dizendo que este país tem como objetivo tornar-se um líder em questões tecnológicas até 2049.

Acusação no Reino Unido

Mais de um ano depois de terem sido detidos e libertados sob fiança, Christopher Berry, de 32 anos, e Christopher Cash, de 29, foram acusados de fornecer informações prejudiciais a um Estado estrangeiro: a China. Ambos serão presentes a um juiz na sexta-feira. "Esta tem sido uma investigação extremamente complexa e as acusações são muito sérias", disse o responsável pela Unidade de Contraterrorismo da polícia, comandante Dominic Murphy.

As detenções ocorreram em março de 2023 em Oxford e Edimburgo, mas só foram anunciadas em setembro, sem serem divulgados os nomes. O *Sunday Times* revelou contudo que um dos detidos era Christopher Cash, que foi assessor parlamentar de vários deputados do Partido Conservador, incluindo Alicia Kearns, que agora dirige a Comissão Parlamentar dos Negócios Estrangeiros, e o antecessor nessa função, Tom Tugendhat, atual secretário de Estado da Segurança.

Cash tinha um passe que permitia o acesso total aos edifícios do Parlamento, concedido aos deputados, funcionários e jornalistas após um controlo de segurança.

susana.f.salvador@dn.pt

JOHN MACDOUGALL / AFP

A bandeira chinesa junto à Embaixada da China, em Berlim.

Coreia do Norte testa mísseis de curto alcance

TENSÃO Seul acusa Pyongyang de provocação, no segundo teste em menos de uma semana. Mísseis terão voado cerca de 300 quilómetros para leste.

A Coreia do Norte disparou vários mísseis balísticos de curto alcance, revelaram as autoridade de Seul. O lançamento surge depois de, no mês passado, a Rússia, aliada de Pyongyang, ter recorrido ao poder de veto no Conselho de Segurança das Nações Unidas e cancelado a monitorização da violação das sanções contra o regime de Kim Jong-un.

A Coreia do Sul disse ter detetado o lançamento de vários mísseis desde a região de Pyongyang, que terão voado cerca de 300 km antes de cair nas águas a leste da Península Coreana. Tóquio também confirmou o lançamento, com o Governo japonês a dizer que um dos mísseis tinha atingido uma altura máxima de 50km e caído fora da sua Zona Económica Exclusiva.

"Este lançamento de mísseis é uma provocação flagrante que ameaça a paz e a estabilidade da Península Coreana", disse o Estado-Maior Conjunto da Coreia do Sul, acrescentando que os militares mantêm "total prontidão".

Este lançamento foi o segundo em menos de uma semana da parte de Pyongyang, que na sexta-feira testou uma "ogiva súper grande" desenhada para um míssil de cruzeiro estratégico, segundo os *media* estatais. Seul confirmou ter detetado o lançamento de um míssil de cruzeiro.

Analistas avisam que a Coreia do Norte pode estar a testar mísseis antes de os enviar para a Rússia, de forma a estes serem usados na Ucrânia. Outras armas já terão sido enviadas para Moscovo, segundo Washington e Seul, apesar das sanções contra isso. **DN/AFP**

"China é a vencedora" das eleições nas Maldivas

LEGISLATIVAS Partido do presidente pró-Pequim venceu uma supermaioria no Parlamento com promessas de construção no pequeno arquipélago.

A vitória esmagadora do presidente pró-China nas eleições legislativas das Maldivas abre o caminho para que ele possa redesenhar o mapa físico e geopolítico do arquipélago estratégico no Oceano Índico a favor de Pequim, avisam diplomatas e analistas.

O partido do presidente Mohamed Muizzu, o Congresso Nacional do Povo, terá 67 dos 93 lugares do *majlis*, ou Parlamento, segundo os resultados preliminares das eleições. Ou seja, terá já uma supermaioria de dois terços, mesmo sem contar com o apoio de outros cinco deputados aliados. Uma vitória ainda maior do que o esperado.

Com este resultado, espera-se que uma série de projetos financiados e construídos por Pequim, que tinham sido bloqueados pelo anterior Parlamento controlado pela oposição, possam avançar. Entre os projetos está uma ilha artificial com dezenas de milhares de apartamentos, fábricas de peixe e um novo aeroporto.

As promessas de Muizzu em torno de projetos de construção deverão colocar o país de 1192 pequenas ilhas de coral espalhadas por cerca de 800km ao longo da linha do equador, no centro de importantes rotas de navegação marítimas, ainda mais dentro da esfera de influência de Pequim (a Índia é a potência regional e tradicional benfeitora do arquipélago).

"Em última análise, a China é a vencedora destas eleições nas Maldivas", disse um diplomata ocidental baseado no vizinho Sri Lanka. **DN/AFP**

Com guerra ou sem guerra, os ucranianos não abdicam do seu café

KIEV Os cafés e quiosques estão por todo o lado na capital ucraniana. A sua popularidade é simultaneamente um ato de desafio em tempo de guerra e um símbolo de laços mais estreitos com o resto da Europa.

TEXTO **CONSTANT MÉHEUT** E **DARIA MITIUK** FOTOS **BRENDAN HOFFMAN,** EXCLUSIVO *THE NEW YORK TIMES*

Na Ucrânia, a cultura do café tornou-se sinal de resiliência e desafio.

Quando os tanques russos entraram pela primeira vez na Ucrânia, há mais de dois anos, Artem Vradii tinha a certeza de que o seu negócio iria sofrer. "Quem pensaria em café nesta situação?", pensou Vradii, cofundador de uma torrefação de café em Kiev chamada Mad Heads. "Ninguém iria ligar nenhuma."

Mas nos dias que se seguiram ao início da invasão começou a receber mensagens de soldados ucranianos. Um deles pedia sacos de café moído, porque não suportava as bebidas energéticas fornecidas pelo Exército. Outro pedia simplesmente grãos: tinha levado o seu próprio moinho para a frente de batalha.

"Fiquei muito chocado", disse Vradii numa entrevista recente na sua torrefação, um edifício de tijolo com 12 metros de altura onde se ouve o som dos moínhos de café a funcionar e se sente o cheiro de grãos acabados de moer. "Apesar da guerra, as pessoas continuavam a pensar no café. Podiam deixar as suas casas, os seus hábitos. Mas não podiam viver sem café."

Os pedidos dos soldados são apenas uma faceta de uma pedra angular pouco conhecida do estilo de vida ucraniano atual: a sua vibrante cultura do café.

Na última década, as cafetarias proliferaram por toda a Ucrânia em cidades grandes e pequenas. Isto é particularmente visível em Kiev, a capital, onde os pequenos quiosques de café, equipados com baristas treinados que servem saborosos *mochas* por menos de dois dólares se tornaram um elemento da paisagem urbana.

Se entrar num dos pátios escondidos de Kiev há uma boa hipótese de encontrar um café com baristas ocupados a aperfeiçoar a sua arte do café com leite atrás do balcão.

A cultura do café floresceu em todo o mundo – mesmo na Grã-Bretanha, obcecada pelo chá –, mas na Ucrânia, nos últimos dois anos, assumiu um significado especial como sinal de resiliência e desafio.

"Tudo vai correr bem", disse Maria Yevstafieva, uma barista de 18 anos, que preparava um café com leite numa manhã recente, num café de Kiev que tinha acabado de ser danificado por um ataque de mísseis. A janela de vidro da loja tinha sido estilhaçada pela explosão e tinha caído sobre o balcão, mas Yevstafieva não se deixou abalar.

"Como é que eles nos podem quebrar?", diz ela num vídeo referindo-se ao Exército russo. "Temos uma arma, fazemos café."

Antes da guerra, a Ucrânia era um dos mercados de café que mais crescia na Europa, de acordo com o Allegra World Coffee Portal, um grupo de investigação. Em Kiev, o número de cafetarias continuou a crescer mesmo após a invasão russa, atingindo atualmente cerca de 2500 lojas de acordo com a Pro-Consulting, um grupo ucraniano de investigação de *marketing*.

A Cadeia Girkiy, por exemplo, é difícil não se ver na capital, com mais de 70 cafetarias. Os seus quiosques cor de menta encontram-se ao pé de igrejas ortodoxas centenárias e nas principais praças de Kiev.

Numa tarde recente, Yelyzaveta Holota, uma barista de 18 anos, estava ocupada no seu quiosque a preparar os pedidos. no emprego há apenas quatro meses, já tem um toque confiante: pesa o café moído, calca-o num porta-filtro e depois de deitar um expresso numa chávena dá-lhe uma pequena volta para realçar os sabores.

A técnica tem de ser perfeita, disse ela, porque a concorrência é feroz. Seis outras cafetarias alinham-se na rua onde ela trabalha, no centro de Kiev, incluindo uma segunda da Girkiy, que significa "amargo" em ucraniano.

Fundada em 2015, a cadeia costumava servir café de baixa qualidade privilegiando a rapidez. Mas em 2020, Oleh Astashev, o fundador, visitou o Barn, em Berlim, uma instituição de café artesanal que torra o seu próprio café.

Em Kiev, os pequenos quiosques de café, equipados com baristas treinados que servem saborosos *mochas* por menos de dois dólares tornaram-se um elemento da paisagem urbana.

> Se entrar num dos pátios escondidos de Kiev há uma boa hipótese de encontrar um café com baristas ocupados a aperfeiçoar a sua arte do café com leite atrás do balcão.

A visita impressionou-o e inspirou-o. De volta a Kiev, construiu a sua própria torrefação, comprou máquinas de café italianas topo de gama e começou a formar os seus baristas.

"Mudámos tudo: o nome, o serviço, os produtos, a qualidade dos grãos de café, a qualidade da água", afirma. "Qualquer pessoa deve poder beber um café de alta qualidade."

O nome anterior da cadeia era "Gorkiy", ou amargo em russo.

A história de Astashev reflete a forma como o *boom* do café no país está ligado à sua aproximação mais ampla à Europa.

Após a revolução ucraniana da Praça Maidan, em 2014, que derrubou um presidente pró-russo, o país reforçou os seus laços com a Europa, nomeadamente através da isenção de vistos para os seus cidadãos. Muitos ucranianos viajaram para Ocidente descobrindo uma cultura do café que ainda não tinha penetrado nas suas fronteiras. Em breve, estavam a trazê-la de volta para casa.

"Queríamos que as nossas cafetarias em Kiev fossem como na Europa", disse Maryna Dobzovol-

ska, 39 anos, que cofundou o Right Coffee Bar com o marido, Oleksii Gurtov, em 2017.

Pergunte aos empresários do setor do café ucraniano sobre os famosos cafés de Viena ou sobre o *espresso* de assinatura de Itália e eles rejeitá-los-ão como uma visão "conservadora" e "antiquada" da cultura do café.

O seu modelo são cidades como Berlim e Estocolmo onde a chamada terceira vaga de cafetarias se multiplicou nas últimas duas décadas, dando ênfase a grãos de alta qualidade e receitas inovadoras.

Mais recentemente, Dobzovolska e Gurtov têm vindo a experimentar o café anaeróbico, um método de processamento que envolve a fermentação do café em tanques selados sem oxigénio, dando à bebida sabores frutados.

"Experimente. Vai adorar", disse Gurtov, 49 anos, enquanto servia a bebida roxa e fumegante. Sempre dispostos a ultrapassar os limites, os baristas ucranianos também popularizaram o *Capuorange* – uma dose dupla de café *espresso* misturado com sumo de laranja fresco –, agora à venda em toda a cidade de Kiev.

Vários estrangeiros disseram-se surpreendidos com a qualidade do café num país que desde a era soviética consumia sobretudo café instantâneo.

"Este é o melhor café do mundo", disse Michael McLaughlin, um americano de 51 anos que faz trabalho voluntário na Ucrânia, enquanto pedia um Americano na Maidan numa tarde recente.

Há quem diga que se trata simplesmente de um regresso às raízes da Ucrânia.

Diz a lenda que o homem que abriu o primeiro café em Viena, no final do século XVII, foi Jerzy Kulczycki, um soldado nascido na atual Ucrânia. É homenageado com uma estátua em tamanho real em Lviv que o louva como o herói de guerra "que ensinou a Europa a beber café".

Volodymyr Efremov, um torrefator de café da Idealist, uma grande marca de café ucraniana, disse que o seu objetivo era agora "popularizar" o café de especialidade em todo o país.

Na Ucrânia de hoje, talvez não haja melhor forma de atingir esse objetivo do que através do Exército. Todos os meses, a Idealist e outros produtores de café fornecem às Forças Armadas dezenas de milhares de sacos de café coado – saquetas de dose única, cheias de café moído. Estes são alguns dos melhores produtos do mercado de café ucraniano.

Nas redes sociais, os soldados publicaram vídeos em que despejam água quente em saquetas de café em chávenas de ferro antes de saborearem a bebida fumegante numa trincheira.

Perto de uma posição de artilharia, no ano passado, um sargento ucraniano júnior, Maksim – que não indicou o seu apelido de acordo com as regras militares –, estava a ferver água numa pequena chaleira branca com um saco de café moído Mad Heads ao seu lado. A sua unidade tinha acabado de disparar um obuseiro de fabrico australiano contra alvos russos na frente sul e apetecia-lhe uma boa chávena de café.

Durante cinco minutos seguidos discutiu o grau de mineralização da água necessário para obter a bebida perfeita, a qualidade dos grãos de origem única que fazem com que "saiba a café com mel, álcool e banana" e como a bebida deve ser consumida para "perceber mais sabores".

Maksim, cujo indicativo de chamada é Stayer, disse que os seus colegas soldados acharam o café Mad Heads "delicioso e perguntaram-[lhe] onde o tinha arranjado".

"Eu disse: 'Pessoal, estamos no século XXI. Vamos comer como deve ser, mesmo que sejamos militares'."

Este artigo foi publicado originalmente em https://www.nytimes.com/2024/04/12/world/europe/kyiv-ukraine-coffee-culture.html

Na torrefação Mad Heads, o conflito não reduziu o trabalho. Pelo contrário.

JOHN THYS / AFP

Josep Borrell diz haver um entendimento sobre a urgência da situação.

UE falha acordo sobre entrega de sistemas de defesa aérea Patriot à Ucrânia

GUERRA Andrzej Duda declarou que a Polónia é um país "pronto a aceitar armas nucleares" de países aliados.

TEXTO **ANA MEIRELES**

A União Europeia falhou ontem dar resposta ao apelo feito pela Ucrânia para obter mais capacidades de defesa aérea ao não apresentar compromissos concretos numa reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa. "Podemos evitar os piores cenários se agirmos em conjunto e sem medo. Precisamos de decisões concretas e ousadas hoje", havia dito o ministro dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia, Dmytro Kuleba, aos seus homólogos da UE através de videoconferência, no início do encontro.

A Ucrânia pediu sete sistemas de defesa aérea Patriot adicionais, fabricados nos Estados Unidos, capazes de abater os mísseis hipersónicos da Rússia, mas está ansiosa para obter qualquer ajuda que puder. Até agora, apenas a Alemanha respondeu ao apelo de Kiev, dizendo que enviaria um sistema Patriot extra, sendo que vários outros países da UE possuem estes sistemas, como a Grécia, Países Baixos, Polónia, Roménia, Espanha e Suécia.

O secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg, tinha dito na sexta-feira esperar que mais países da Aliança façam anúncios sobre equipamentos adicionais de defesa aérea para Kiev "em breve". Mas após a reunião de ontem, os ministros afirmaram que ainda não havia novos compromissos claros.

O chefe da política externa da UE, Josep Borrell, disse, no entanto, que existe um "entendimento comum e claro" entre os Estados-membros sobre a urgência da situação. "Cabe-lhes a eles tomar as decisões", afirmou o espanhol.

O ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, Radoslaw Sikorski, declarou, após o encontro, que desejava que a UE "pudesse avançar mais rapidamente". Mas lembrou que a Polónia, como estado da linha da frente vizinho da Rússia e da Ucrânia, não poderia dispensar nenhum dos seus dois sistemas Patriot. "Acreditamos que os da Europa Ocidental poderiam ser implantados de forma mais útil na Ucrânia", acrescentou Sikorski. Já a ministra da Defesa neerlandesa, Kajsa Ollongren, disse que estão a "explorar todos os caminhos".

Moscovo promete resposta

A Rússia afirmou ontem que vai tomar medidas para garantir a própria segurança se a Polónia acolher armas nucleares, depois de o presidente polaco ter evocado a possibilidade de instalar esse armamento no país. "As Forças Armadas vão, naturalmente, analisar a situação e, em qualquer caso, tomar todas as medidas de retaliação necessárias para garantir a nossa segurança", disse o porta-voz do Kremlin.

Dmitry Peskov referia-se diretamente às declarações do presidente polaco Andrzej Duda, que declarou que a Polónia é um país "pronto a aceitar armas nucleares" de países aliados.

Numa entrevista publicada pelo diário polaco *Fakt*, Duda afirmou que "a Rússia está a militarizar cada vez mais Kaliningrado", o antigo enclave russo que faz fronteira com a Polónia e a Lituânia, e que Moscovo "também tem transferido armas nucleares para a Bielorrússia".

"Se os nossos aliados decidirem instalar mísseis nucleares no nosso território, estamos preparados", afirmou. "Fazemos parte da NATO e, por conseguinte, temos obrigações nesta matéria, o que significa que aplicamos simplesmente uma política de interesses comuns", acrescentou. **Com AGÊNCIAS**

Análise
Germano Almeida

Pontos de luz tardios

A Ucrânia voltou a ver uma luz ao fundo do túnel: mas convém lembrar que, por vezes, o que nos parece ser o renascimento da Esperança pode revelar-se, apenas, como um comboio que de lá longe vem em rota de colisão.

Mike Johnson, que tantas vezes aqui critiquei nos últimos meses, merece, desta vez, rasgados elogios.

Nunca é tarde para se fazer o que é certo – e o cinzento *speaker* republicano do Congresso fez o que era preciso fazer. Atentemos no que disse Mike Johnson antes da votação de sábado: "Estou aqui a fazer o que acredito ser o que é correto fazer neste momento. Penso que providenciar ajuda letal à Ucrânia é urgente e é crítico para a sua sobrevivência. Não podemos brincar à política com isto. Temos de fazer o que é preciso."

A grande incógnita reside no facto de só agora, tantos meses depois de impasse no Congresso, a ajuda à Ucrânia tenha sido desbloqueada. Importa calcular quantas mortes civis ucranianas existiram por estes quatro meses de inação. E qual o grau de perda de capacidade estratégica das tropas ucranianas no terreno, perante a manifesta superioridade de meios russos – e se será possível recuperar das perdas sofridas neste sombrio período.

O que terá levado Johnson a tão grande mudança de posição, ele que, enquanto mero congressista do Louisiana, tinha votado sempre contra o apoio a Kiev?

A resposta não é simples. Poderá, no entanto, decorrer da conjugação de dois fatores, aparentemente independentes um do outro (mas não contraditórios).

Por um lado, Mike Johnson terá sentido o peso histórico que recaía nos seus ombros. Já se fala em Washington no "momento Churchill" do atual *speaker*. Não iria tão longe, mas atribuo muito mérito à decisão corajosa do líder da Câmara dos Representantes ao permitir a votação de um pacote que sabia, à partida, vir a redundar numa profunda divisão na bancada republicana.

Johnson e Trump: mais articulação que afastamento

Acresce uma outra possível explicação para a redenção de Mike Johnson: esta terá sido uma decisão não à revelia de Donald Trump, mas em articulação com Donald Trump. O ex-presidente e futuro nomeado presidencial republicano tem lançado a ideia de que, em vez de enviar ajuda a fundo perdido a Kiev, a solução deverá passar por empréstimos. Ora, boa parte do pacote aprovado no sábado, que o Senado certamente ratificará esta terça, baseia-se, precisamente numa lógica de *land lease*.

Trump é um populista que, mais do que seguir convicções profundas, está sempre atento ao que o pode beneficiar ou prejudicar. Sobre a Ucrânia, não há no eleitorado americano uma enorme onda de apoio sem contrapartidas – mas também não existe uma maioria evidente que reivindica uma paragem total e completa do apoio a Kiev.

Esta aprovação permite a Trump seguir com o argumento de que, ao contrário do que muitos lhe apontam, não é um putinista disfarçado, não deseja a vitória da Rússia, pretende ter uma palavra no futuro da Ucrânia e, afinal, até se enquadra numa área da direita americana que compreende a importância da liderança global – mas já não a qualquer preço.

A menos de 200 dias da eleição geral, Trump ganha espaço para apelar a setores independentes ou mais moderados, nos quais pretenderá disputar o voto com Biden.

Republicanos entre a redenção e a rebelião

Chega a ser difícil de analisar, dentro de um quadro de suposta racionalidade (que há muito se esvaiu da política americana), o comportamento do Partido Republicano desde a invasão russa da Ucrânia.

A 24 de fevereiro de 2022, os republicanos foram os primeiros a exortar, no Capitólio, à necessidade de se defender a Ucrânia da agressão de Moscovo, em nome da Liberdade e da defesa da Democracia. Mas bastaram poucos meses para irem crescendo, votação a votação, bolsas de resistência no GOP (*Grand Old Party*), sempre ligadas a setores extremistas, ultranacionalistas e, nalguns casos, até conspiracionistas e vulneráveis à narrativa russa.

Na semana passada, em jeito de desabafo sob a capa de alerta, o congressista republicano do Ohio, Mike Turner, líder do Comité de Inteligência da Câmara dos Representantes, apontava: "Há colegas meus da bancada republicana a difundir propaganda do Kremlin nesta casa."

A ala republicana ficou dividida na votação de sábado: 101 a favor e 112 contra. A fação extremista ameaça depor Johnson por ver qualquer aproximação entre os dois partidos como uma traição. Marjorie Taylor Greene (Geórgia) e Thomas Massie (Kentucky) preparam a rebelião. Mas calma: uma parte dos republicanos "trumpistas" discordam da deposição de Johnson por considerarem que tão perto das eleições de novembro seria contraproducente para os seus interesses eleitorais. Foi essa a posição manifestada pelo congressista Ralph Norman (Carolina do Sul).

Vender ativos russos e transferir os fundos para Kiev

O Congresso norte-americano aprovou também o *Repo Act*, que tem como ideia.base a de que a agressão russa na Ucrânia constitui uma violação de regra imperativa.

Os Estados têm o dever de fazer tudo o que estiver ao seu alcance para fazer cessar essa violação. Ora, é o caso do confisco dos bens russos.

Ou seja: o Congresso autorizou, com grande apoio bipartidário, a venda de ativos russos e posterior transferência para Kiev dos fundos arrecadados nessa operação. Esperemos que a União Europeia possa, agora, seguir o exemplo americano.

Especialista em Política Internacional

PUBLICIDADE

DIVISÃO JURÍDICA E DE FISCALIZAÇÃO
Gabinete de Fiscalização

Anúncio

Álvaro Manuel Balseiro Amaro, Presidente da Câmara Municipal de Palmela, faz público que, no cumprimento do disposto no art.º 114.º do Código do Procedimento Administrativo (CPA), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 4/2015, de 7 de janeiro, ficam notificados os coproprietários, utilizadores/ocupantes e titulares de direito real sobre o prédio rústico com o art.º 70.º, da Secção H, freguesia de Palmela, nos termos da alínea e), do n.º 1, do art.º 112.º do CPA, por despacho do Senhor Vereador do Pelouro da Fiscalização de 12/04/2023, no uso da competência delegada pelo Senhor Presidente, através do Despacho n.º 77/2021, de 26 de outubro, praticado nos termos e pelos fundamentos de facto e de direito, constantes na informação técnica deste Gabinete, de 03/04/2023, do processo 95/FIS/2010, face à execução das obras de construção de vedações, armazém e construções precárias no referido prédio que consubstanciam o fracionamento ilegal do prédio em causa, não legalizável, de que dispõem de 60 (sessenta) dias úteis, a contar da data de receção da notificação da Câmara Municipal de Palmela (CMP) a comunicar o deferimento do pedido de demolição das construções, que deverá ser apresentado no prazo de 30 (trinta) dias úteis a contar da data de publicação do presente anúncio, para procederem à demolição das construções ilegais acima referidas, exceto de uma moradia que se encontra ocupada, e reposição do terreno nas condições em que se encontrava antes do início das obras, ao abrigo do n.º 1 do art.º 106.º e das alíneas e) e f) do n.º 2 do art.º 102.º do DL n.º 555/99, de 16/12, Regime Jurídico da Urbanização e da Edificação (RJUE), nas suas versões atuais.

Caso não seja dado cumprimento voluntário à ordem de demolição, todos os coproprietários do prédio incorrerão na prática de crime de desobediência, nos termos e para os efeitos do disposto no art.º 100.º do RJUE e art.º 348.º do Código Penal, conduzindo o Município à reposição da legalidade, ao abrigo do n.º 4, do art.º 106.º do RJUE, podendo tomar Posse Administrativa do prédio para demolição coerciva, conforme o disposto no art.º 91.º e no art.º 107.º, ambos do RJUE, atuando por conta e a expensas dos coproprietários, com possibilidade de evolução da dívida para execução fiscal, conforme o disposto no art.º 108.º do mesmo diploma.

Mais se informa que, caso pretenda esclarecimentos adicionais, atendimento ou consultar o processo acima referido, o mesmo se encontra disponível no Gabinete de Fiscalização Municipal, aconselhando-se marcação prévia, através do contato 212 336 622.

Palmela, 8 de março 2024

O Presidente da Câmara

Álvaro Manuel Balseiro Amaro

AUGI 39, CMSintra

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 11.º da Lei 91/95, de 2 de setembro, alterada e republicada pela Lei 70/2015, de 16 de julho, e Lei 71/2021, de 4 de novembro, convoca-se a assembleia de comproprietários do prédio integrado na Área Urbana de Génese Ilegal denominada "AUGI 39 – Alto do Miradouro", na União das Freguesias de Almargem do Bispo, Pero Pinheiro e Montelavar, concelho de Sintra, descrito na 2.ª conservatória de registo predial de Sintra sob o número 4385 da freguesia de Almargem do Bispo, inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 69 secção JJ da referida união de freguesias, bem como todos os donos de construções neles edificadas desde que devidamente participadas na matriz e ainda os promitentes compradores de parcelas, desde que possuidores das mesmas. A assembleia terá lugar no dia 12 de maio de 2024, pelas 9.30 horas, no Grupo Recreativo e Desportivo de Camarões – Rua do Ginjal, N.º 10 – Camarões, 2715-311 Almargem do Bispo, Sintra, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

PONTO UM: Adesão à Lei 91/95, de 2 de setembro, alterada e republicada pela Lei 70/2015, de 16 de julho, e Lei 71/2021, de 4 de novembro.
PONTO DOIS: Eleição da Comissão de Administração da AUGI.
PONTO TRÊS: Eleição da Comissão de Fiscalização da AUGI.
PONTO QUATRO: Deliberação do local da sede da Comissão de Administração e Comissão de Fiscalização.
PONTO CINCO: Abertura e Movimentação da conta bancária da AUGI.
PONTO SEIS: Apreciação e votação das propostas de honorários das equipas técnica, jurídica e contabilista certificado para execução do processo de loteamento.
PONTO SETE: Deliberar o pagamento de quotas ordinária e extraordinária.
PONTO OITO: Assuntos de interesse geral.

Se à hora marcada não estiverem presentes ou representados proprietários em número suficiente para validamente deliberar, fica desde já marcada segunda assembleia para as 10 horas, no mesmo dia e no mesmo local, nos termos do art.º 1432.º do CC.

Dona Maria, 20 de abril de 2024

Os comproprietários detentores de mais de 5% dos votos na assembleia:
1/98 avos – Luís Rodrigues
2/98 avos – Luís Coroado
2/98 avos – Luís Francisco
1/98 avos – Ricardo Nunes
3/98 avos – Albino Coroado
6/98 avos – António Matos

ADMINISTRAÇÃO CONJUNTA DA AUGI
BAIRRO QUINTA DA VÁRZEA
União das Freguesias de Póvoa de Santo Adrião
e Olival Basto
Concelho de Odivelas

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Artigo 11.º, n.º 1, da Lei 91/95, de 02/09, republicada pela Lei 71/2021, de 04/11, convoca-se todos os proprietários e comproprietários da Área Urbana de Génese Ilegal denominada **"Bairro Quinta da Várzea"**, União das Freguesias de Póvoa de Santo Adrião e Olival Basto, concelho de Odivelas, para a assembleia que terá lugar no dia **11 de maio de 2024**, pelas **9.30 horas**, no Largo José Afonso, Pavilhão Multiusos, junto à Rotunda do Repuxo, no Olival Basto, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º – *Apresentação, discussão e votação dos relatórios e contas relativos aos anos de 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023.*
2.º – *Eleição da Comissão de Administração.*
3.º – *Eleição da Comissão de Fiscalização.*
4.º – *Fixação da quota comparticipação.*
5.º – *Informações – Ponto de Situação do Processo, e outros assuntos de interesse para o Bairro.*

Se à hora marcada não se encontrarem presentes ou representados comproprietários em número suficiente para validamente deliberar, desde já fica marcada segunda assembleia, para as **10 horas, no mesmo dia e local**, nos termos do Artigo 1432.º, n.º 4, do C.C., deliberando-se assim como o número de proprietários presentes.
As listas destinadas a compor a Comissão de Administração e a Comissão de Fiscalização devem ser entregues até ao início da assembleia geral.
Os originais que serviram de base aos Relatórios e Contas a aprovação no ponto n.º 1 da ordem de trabalhos podem ser consultados na sede da Comissão de Administração Conjunta, mediante prévia marcação.

Olival Basto, 23 de abril de 2024

O Presidente da Comissão
José Pereira Duarte

ADMINISTRAÇÃO CONJUNTA DO BAIRRO DA QUINTA VELHA
FREGUESIA DO MILHARADO – CONCELHO DE MAFRA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo da Lei 91/95, de 2 de setembro, com as alterações introduzidas pela Lei 71/2021, de 4 de novembro, convoca-se todos os proprietários e comproprietários da Área Urbana de Génese Ilegal, denominada **"Bairro da Quinta Velha"** – Casais da Serra, freguesia de Milharado, concelho de Mafra, para a Assembleia Geral que terá lugar no **dia 12 de maio de 2024**, pelas **9 horas**, na **Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Malveira**, **Rua dos Bombeiros Voluntários | 2665-218, Malveira**, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º – Informações – ponto de situação do Processo.
2.º – Discussão, votação e aprovação do relatório e contas relativo ao ano 2023.
3.º – Discussão, votação e aprovação da quota de comparticipação para o ano de 2024.
4.º – Eleição da Comissão de Fiscalização.
5.º – Outros assuntos de interesse para o Bairro – Esclarecimento de dúvidas.

Se à hora marcada não se encontrarem presentes ou representados comproprietários em número suficiente para validamente deliberar, desde já fica marcada nova assembleia para as **9.30 horas, no mesmo dia e no mesmo local**, nos termos do Artigo 1432.º, n.º 4, do C.C.
As Listas destinadas a compor a Comissão de Administração e de Fiscalização devem ser entregues até à hora de início da Assembleia Geral.
Os relatórios, comprovativos originais e extratos de conta que serviram de base ao relatório e contas do ano de 2023 podem ser consultados na sede da comissão de administração a requerimento de qualquer interessado.

Milharado, 23 de abril de 2024

A Comissão de Administração

MUNICÍPIO DE OLIVEIRA DE FRADES

AVISO N.º 8071/2024/2

4.ª Alteração da 1.ª Revisão do Plano Diretor Municipal de Oliveira de Frades — período de discussão pública

João Carlos Ferreira Valério, Presidente da Câmara Municipal de Oliveira de Frades, torna público que a Câmara Municipal de Oliveira de Frades, na sua reunião ordinária de 14 de março de 2024, deliberou dar início ao período de discussão pública relativa à 4.ª alteração da 1.ª revisão do Plano Diretor Municipal de Oliveira de Frades, nos termos do artigo 89.º, em articulação com o artigo 119.º, do Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio.
Também deliberou estabelecer o período de discussão pública de 30 dias úteis, a contar do quinto dia útil seguinte à data da publicação do presente Aviso na 2.ª Série do *Diário da República*.
Os interessados podem consultar os documentos da proposta, na página da Internet (https://www.cm-ofrades.pt/) ou no Serviço de Planeamento e Urbanismo da Câmara Municipal de Oliveira de Frades, durante as horas normais de expediente. Qualquer sugestão, informação ou observação deverá ser apresentada por escrito ao Presidente da Câmara Municipal de Oliveira de Frades, até ao termo do referido período.
Para constar se publica o presente aviso no *Diário da República*, que será afixado nos locais de estilo e publicitados na comunicação social, na página de Internet e na plataforma colaborativa de gestão territorial.

19 de março de 2024

O Presidente da Câmara Municipal
João Carlos Ferreira Valério

MIGUEL PEREIRA/GLOBAL IMAGENS

Treinador do Sporting prepara a saída de Alvalade.

No comando do Sporting, Rúben Amorim conquistou quatro troféus desde março de 2020 – um campeonato nacional (2020-21), duas Taças da Liga (2020-21 e 2021-22) e uma Supertaça Cândido de Oliveira (2021) – podendo conquistar mais dois (título e Taça de Portugal) antes de sair.

Rúben Amorim aproveitou a folga para ir a Londres 'falar' com West Ham

SAÍDA Treinador deu dois dias de folga ao plantel antes do clássico com o FC Porto e foi visto a embarcar para Inglaterra na companhia do seu empresário. Sporting em silêncio.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Horas depois do *The Athletic* avançar que Rúben Amorim era o principal alvo do West Ham para suceder a David Moyes, o treinador do Sporting foi visto a embarcar para Londres para reunir com os dirigentes do emblema londrino. O DN tentou contactar Raúl Costa, advogado e representante do treinador leonino, para confirmar a veracidade das informações e da foto publicada pelo Twitter SerSporting, em que ele e o técnico aparecem junto a uma aeronave no aeródromo de Tires, antes de embarcar para Inglaterra, mas até ao fecho desta edição não foi possível.

Quem não gosta deste ruído à volta do futuro do técnico numa altura crucial da época é o Sporting, que está a dois triunfos de ser campeão nacional e ainda vai tentar conquistar a Taça de Portugal, mas também não esclareceu se o técnico informou da viagem a Londres. O clube lembrou que o plantel está de folga até quinta-feira de manhã, quando começará a preparar o clássico da 31.ª jornada da I Liga. No entanto dada a relação que o técnico sempre teve com o presidente Frederico Varandas e o diretor desportivo Hugo Viana é de equacionar que eles sabiam da viagem e por isso o West Ham terá manifestado junto do emblema leonino a intenção de pagar para contratar Amorim.

A deslocação a Inglaterra a meio da semana, antes de um jogo decisivo com o FC Porto e depois de ter dito, quando foi noticiado que reunira com o Liverpool, que nem acordo nem entrevistas enquanto a questão do título estivesse em aberto, apanhou os adeptos de surpresa. A equipa fez ontem treino de recuperação na Academia Cristiano Ronaldo, no rescaldo da vitória na receção ao Vitória de Guimarães (3-0), enquanto os restantes futebolistas treinaram normalmente no relvado às ordens de Rúben Amorim, que depois depois deu dois dias de folga ao plantel.

Segundo a CNN Portugal o avião que levou o técnico até Londres foi fretado pelos donos do West Ham. David Sullivan adquiriu o emblema londrino no ano passado e queria falar com Amorim antes de lhe oferecer um contrato e avançar com uma proposta junto do Sporting, uma vez que o treinador tem contrato com os leões até 2026 e uma cláusula de rescisão múltipla: 30 milhões se um clube português o quiser ir buscar a Alvalade e 20 milhões de euros se for um clube estrangeiro.

No entanto, o técnico terá um acordo verbal com o presidente Frederico Varandas para uma saída a bem por um valor inferior, na ordem dos 10 milhões de euros, caso o clube interessado faça parte de uma pequena lista de tubarões a quem Rúben Amorim não consiga dizer que não.

Se o West Ham é ou não um desses clubes é esperar para ver, mas os dez milhões de euros são um valor simbólico para os leões, uma vez que foi essa mesma verba que o clube leonino investiu no técnico, quando Amorim ainda não tinha provas dadas e tinha acabado de assumir o comando do Sporting de Braga. Aliás, nessa altura, o presidente Frederico Varandas chegou a dizer que iria justificar o que custou e logo no ano a seguir foi campeão nacional, acabando com um jejum de 19 anos.

Quando confrontado com o tema da saída de Alvalade e depois de reiterar várias vezes que se não conquistasse nada saía pelo próprio pé e sem indemnização, Amorim tentou calar o assunto sobre o seu futuro porque o título foi ficando mais perto e a sua saída também. Certo é que não queria desestabilizar o balneário numa altura crítica da época, mas a viagem de ontem acabou por cair que nem uma bomba.

Amorim já tinha sido apontado no passado como "alvo prioritário" do Tottenham, "conversado" com o Chelsea, da mesma forma como "esteve na lista" do Barcelona e foi "contactado" pelo Manchester United" e "entrevistado" pelo Liverpool, mas nunca embarcou rumo ao futuro, como aconteceu agora. Mas agora já não são apenas rumores e o silêncio também é cúmplice.

No comando do Sporting, Rúben Amorim conquistou quatro troféus desde março de 2020 – um campeonato nacional (2020-21), duas Taças da Liga (2020-21 e 2021-22) e uma Supertaça Cândido de Oliveira (2021) – podendo conquistar mais dois (título e Taça de Portugal) antes de sair.

O West Ham segue no oitavo lugar da Premier League, luta pela qualificação europeia e é treinado desde 2017 por David Moyes, cujo contrato expira em junho. A herança é pesada, mas nada comparável que iria herdar caso fosse para o Liverpool, sentar-se na cadeira de Jurgen Klopp.

isaura.almeida@dn.pt

ELEIÇÕES NO FC PORTO – FALTAM QUATRO DIAS

Letrista apoia antigo treinador nas eleições para a presidência portista.

Carlos Tê "Villas-Boas trouxe novas ideias e *acossou* Pinto da Costa"

APOIO Letrista e conhecido adepto do FC Porto, tece rasgados elogios ao antigo treinador e lança algumas críticas ao atual presidente, antevendo que só existirá verdadeira união entre os adeptos após as eleições no caso de os resultados da equipa de futebol melhorarem.

TEXTO **ANDRÉ CRUZ MARTINS**

O escritor e letrista Carlos Tê, conhecido adepto do FC Porto, revela ao DN que tem grandes expectativas para as eleições do clube, no próximo sábado, considerando que é um momento que vai marcar de forma indelével o futuro do emblema. Entre grandes elogios a André Villas-Boas, lança algumas críticas à atual direção, presidida por Pinto da Costa, embora faça questão de realçar o trabalho realizado pelo presidente, no cômputo geral dos 42 anos do seu mandato.

"Penso que estas eleições são muito importante para a vida do clube, embora a altura em que se realizam não seja a mais oportun – penso que o melhor seria esperar pelo final da época, pois tem sido notória a agitação que tem provocado", começa por referir, enquanto sublinha que "por outro lado, ainda bem que a questão do novo presidente fica desde já resolvida, terminando com o ruído".

Carlos Tê mostra-se pouco satisfeito com o rumo escolhido pela atual direção nos últimos anos. "São visíveis as dificuldades de tesouraria correntes e houve inclusivamente necessidade de se vender alguns jogadores de forma apressada, para resolver esses problemas financeiros, o que prova que a gestão não tem sido a melhor, independentemente do grande legado de Pinto da Costa." E lamenta ainda que "ninguém saiba quem é o Diretor Desportivo, o que é um pouco estranho".

O conhecido adepto de 68 anos dos azuis e brancos saúda a forte entrada em cena de André Villas-Boas, "pois trouxe novas ideias e teve o condão de *acossar* Pinto da Costa a dar explicações de coisas das quais nunca sentiu necessidade de falar, nomeadamente sobre o facto de até o SC Braga ter, neste momento, mais campos de treinos do que o FC Porto para as suas equipas da formação, sendo notório que o clube está muito atrás de Sporting e Benfica nesta matéria".

Carlos Tê faz a comparação entre André Villas-Boas, de 46 anos, e um jovem chamado Pinto da Costa, que em 1982, com 45 anos, assumiu pela primeira vez a presidência do FC Porto. E embora sustente que existem alguns pontos de contacto, estabelece consideráveis diferenças.

"Lembro-me bem da chegada de Pinto da Costa à presidência, nesse ano de 1982. André Villas-Boas traz a mesma irreverência, mas um melhor discurso, mais positivo e menos agressivo, para além de estar muito mais bem preparado do que Pinto da Costa estava na altura, sendo uma pessoa com ideias muito lúcidas." E lembra ainda que o antigo treinador "foi o grande responsável pela última grande conquista internacional do FC Porto" [a Liga Europa da temporada de 2010/11, numa final com o SC Braga].

Apesar dos muitos elogios ao candidato mais novo deste ato eleitoral, Carlos Tê não "deita abaixo" o bem mais experiente Pinto da Costa, "um homem muito carismático, que deixa um legado fantástico, estando ainda muito lúcido mentalmente, tendo sabido rejuvenescer a sua lista de candidatura, tentando rodear-se de pessoas válidas nas quais se pode apoiar, até porque, devido à sua idade, obviamente não poderá ter uma presença tão permanente como até há alguns anos".

Questionado se espera um FC Porto unido a 28 de abril, no dia a seguir às eleições – e que curiosamente, contará com um aliciante jogo com o Sporting, no Dragão – Carlos Tê diz que "como sempre acontece no futebol, serão os resultados da equipa de futebol a decidir", mostrando-se esperançado de que "muito em breve se volte aos pergaminhos a que os adeptos estão habituados". E a terminar, confessa esperar que "a lista vencedora se mantenha fiel às promessas que fez na campanha eleitoral".

dnot@dn.pt

Estoril pede impugnação e juiz liberta adeptos

ESCÂNDALO Jogo entre o Desp. Chaves e Estoril da 30.ª jornada da I Liga acabou com invasão de campo e agressões. Flavienses defendem adeptos e culpam atletas.

O Estoril Praia vai "tomar medidas legais" para impugnar o jogo da 30.ª jornada da I Liga de futebol disputado em Chaves, no domingo, que terminou empatado 2-2, após uma invasão de campo, um "episódio gravíssimo", segundo o emblema *canarinho* e que levou à detenção de seis adeptos.

"O Estoril Praia está a tomar medidas legais para que seja feita justiça pela defesa dos seus atletas, dos seus elementos, e também pelo melhor interesse do futebol profissional português. A capacidade de decisão e reação de todos os envolvidos nas competições profissionais tem de ser implacável", pode ler-se no texto assinado pelo presidente Ignacio Beristain.

Em Chaves, uma invasão de campo quando decorria o período de compensação resultou em desacatos e agressões entre adeptos flavienses e jogadores do Estoril Praia, com o guarda-redes Marcelo Carné e o defesa Pedro Álvaro a serem expulsos com cartão vermelho direto.

Após uma paragem de cerca de 20 minutos, o jogo foi retomado, com a equipa da casa a chegar ao 2-2 com um golo aos 90+20 minutos, por intermédio de Morim, quando o avançado João Carlos defendia a baliza do Estoril, devido à expulsão do guarda-redes numa altura em que o emblema *canarinho* já tinha esgotado as substituições.

A equipa da casa marcou primeiro, por intermédio de João Correia, aos 32 minutos, mas os estorilistas conseguiram a reviravolta, com golos de Basso (58) e Fabrício (71), cedendo o empate depois do reinício do encontro.

O Estoril Praia criticou ainda a decisão do árbitro Nuno Almeida retomar a partida depois da invasão e dessa forma "beneficiar o agressor", que "foi quem obteve vantagem".

As forças de segurança também foram visadas e a PSP justificou a atuação e explicou que deteve seis adeptos e identificou um jogador (sem dizer quem) por suspeita de crime de ofensa à integridade física durante os desacatos. Entretanto os detidos foram presentes a juiz e saíram em liberdade com Termo de Identidade e Residência, mas serão alvo de processos da Autoridade para a Prevenção e o Combate à Violência no Desporto (APCVD), que já instaurou um processo contraordenacional aos incidentes.

Já o presidente da SAD do Desp. Chaves garantiu que os adeptos transmontanos não foram violentos, nem agrediram jogadores do Estoril... bem pelo contrário. "Ao começarem a agredir os adeptos, os atletas perdem a razão. Vamos ver os relatórios, tanto da Liga como da Polícia e tentar defender os nossos adeptos. Queremos que seja feita justiça", assegurou Francisco José Carvalho, em declarações à Agência Lusa, condenando a invasão de campo, que será investigada internamente.

DN/LUSA

PEDRO SARMENTO COSTA / LUSA

Invasão de campo, agressões e adeptos detidos em Chaves.

Andrew Sean Greer
“Viver na Europa faz-me perceber todos os dias como a América é paroquial”

LIVROS Em Lisboa a convite da FLAD, o americano Andrew Sean Greer falou ao DN sobre ter feito regressar em *Less perdeu-se* o protagonista de *Less*, que em 2018 lhe valeu o Pulitzer. Um Arthur Less – escritor, *gay* e cinquentão (qualquer semelhança com o próprio não é coincidência) – numa *road trip* pela América. Ou como usar o humor para falar de assuntos sérios, como o envelhecimento, o amor ou até a morte.

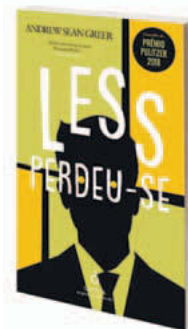
ENTREVISTA **HELENA TECEDEIRO**

Ignorando uma espécie de regra não-escrita e os conselhos do seu editor, decidiu escrever uma sequela de *Less*, o seu livro que ganhou o Pulitzer em 2018. O mundo precisava de mais aventuras de Arthur Less, com este *Less perdeu-se*?
Bem, talvez o mundo precisasse de mais comédia sobre coisas sérias. Porque eu tentei escrever um livro diferente, mas quando encontramos uma maneira de escrever sobre algo que funciona, voltamos a ela. E eu descobri, ao pensar no meu país – que obviamente tem os seus próprios problemas, neste momento – que a única maneira que eu tinha de falar sobre isso era aquela que já tinha usado antes. Era fazer troça de mim mesmo, porque de outra maneira torna-se demasiado triste ou demasiado cruel fazer troça de outros americanos. Portanto, a maneira mais fácil que encontrei foi fazer troça de mim ou, neste caso, da personagem Arthur Less, e dessa forma poder falar de forma leve de coisas que preocupam as pessoas. Só assim as consigo ultrapassar.
Less foi um dos raríssimos livros de comédia a receber o Prémio Pulitzer. O humor é a forma que o Andrew encontra para falar de assuntos difíceis como envelhecer, o amor ou mesmo a morte?
Foi, de facto, a forma que eu encontrei de falar dessas coisas. Estou numa idade em que sei aquilo em que sou bom como escritor e aquilo em que sou mau. E sou mau quando me torno demasiado sério e melodramático em relação às coisas. Então a única solução é rir delas. É má escrita quando sigo o caminho melodramático. Eu sei, porque já tentei. Mas agora descobri uma maneira de abordar as questões e vou manter-me fiel a ela. O livro parece muito leve e tonto.
Parece, mas não é...
Esforcei-me muito por fazer com que tudo parecesse leve, mas o que fiz foi sentar-me e pensar: qual é a coisa mais triste em que consigo pensar e como é que a posso abordar de forma leve. Por exemplo, em *Less perdeu-se*, Arthur Less visita uma plantação onde houve escravos. Uma das coisas mais sérias da História dos Estados Unidos que se pode abordar. Eu visitei três. E estava sempre a pensar que não estava a ver o que é que aquilo tinha de engraçado e que normalmente escreveria sobre o assunto da forma mais séria possível. Mas acabei por perceber que o que havia ali de engraçado era eu e a minha ansiedade em relação às questões raciais nos EUA. A minha e a de todos os outros turistas brancos. A nossa ansiedade era engraçada e era aí que estava o humor que nos permite abordar um assunto que é, na verdade, indescritível.

> *“Tudo o que está neste livro aconteceu, mas não a estas pessoas. Todas as personagens são inventadas, exceto o Arthur. Esse provavelmente tem as minhas maiores qualidades e os meus maiores defeitos.”*

Lembro-me de outro momento de humor, quando Arthur e Marian (a viúva do poeta que acabou o casamento com ela para ficar com Less) chegam a casa depois do funeral de Robert e ele lhe pergunta se ela viu o jovem que foi à homenagem ao poeta na esperança de o ouvir recitar alguns poemas. Arthur resume: “Ele lia muita poesia, mas não devia ler muitos obituários” e os dois começam a rir. A comédia pode ser usada até para abordar a morte?
Acho que todos nós já fomos a funerais – eu infelizmente tenho ido a muitos nos últimos dez anos – e há sempre momentos de comédia. De início é tudo muito triste, mas depois demoram tanto tempo, especialmente no caso dos meus amigos judeus em que se sentam em casa durante uma semana, que acabam por ter momentos de comédia. A comédia acontece em todo o lado, e especialmente na morte.
Homem, branco, 50 e poucos anos, escritor, *gay*. Quanto há de Andrew Sean Greer em Arthur Less? E já sei que fica sempre a pensar porque é que lhe fazem esta pergunta, mas tenho a certeza de que os leitores têm curiosidade...

É verdade, fico sempre a pensar porque é que as pessoas querem saber. Não me conhecem, o que é que lhes importa? E quando escrevi o primeiro livro pensei: ninguém vai ler isto, por isso posso pôr nele muita coisa pessoal. Não vai fazer diferença. Por isso há algumas coisas embaraçosas, mas ninguém sabe o que é verdade e o que é que é inventado [*risos*]. Por isso o que eu posso dizer é que tudo o que está neste livro aconteceu, mas não a estas pessoas. Todas as personagens são inventadas, exceto o Arthur. Esse provavelmente tem as minhas maiores qualidades e os meus maiores defeitos. Mas quanto mais escrevo sobre ele, mais distante de mim ele me parece. Sinto-me mais ligado ao Freddy, o narrador, porque, claro, é a minha voz. Não sabemos como é que o Arthur escreve. Nunca lemos o trabalho dele. Acho que a certa altura ele lê uma frase, mas é só isso. É a voz de Freddy que ouvimos cada vez mais e acho que é esse que eu sou.
Freddy, Arthur, Robert – neste livro há três gerações de homens *gays*. Foi importante para si mostrar como estas três gerações encaram a vida de forma diferente?
Sim, sobretudo no primeiro livro. Sim. Foi daí que partiu a minha ideia.

LESS
Andrew Sean Greer
Quetzal
304 páginas

LESS PERDEU-SE
Andrew Sean Greer
Quetzal
296 páginas

PAULO ALEXANDRINO / GLOBAL IMAGENS

Eu estava curioso. E estas gerações têm atitudes tão diferentes em relação à vida, à morte, à política, a tudo. E agora até podia haver uma geração ainda mais nova porque o Freddy já anda nos 30s. Podia haver um homem *gay* de 20 anos… na verdade "homem *gay*" é uma expressão que já nem se usa verdadeiramente. As coisas mudaram tanto! Há maneiras diferentes de viver. Ainda ontem à noite saí, aqui em Portugal, com um amigo meu que está nos 70 e até a maneira de ele falar do mundo é tão diferente para mim.

Quando falamos hoje com os adolescentes percebemos que eles têm uma maneira diferente de olhar o mundo. Para eles o conceito de "homem *gay*" já não parece fazer sentido, são pessoas, é tudo mais fluido.

Eles não querem saber. As pessoas podem ser *queer*, mas quase toda a gente é *queer*! E a verdade é que eu sempre me senti assim. Mas eu faço parte da primeira geração em que todos assumimos a nossa sexualidade por razões políticas, para termos visibilidade no mundo, porque estava a haver uma pandemia de sida e precisávamos que as pessoas percebessem que éramos reais. Mas a ideia de pôr etiquetas nas pessoas é limitativa. É preferível dizer vou fazer o que eu quiser e lidem com isso. Só espero que queiram que eu seja feliz.

Estava há pouco a falar de política e essa foi a razão que o fez chegar a este livro. Depois das presidenciais de 2016, que deram a vitória a Donald Trump, o Andrew decidiu fazer uma *road trip* pela América para conhecer o seu próprio país e perceber o que se tinha passado. O que descobriu?

Tudo começou porque alguns amigos me diziam que eu não percebia certas zonas do meu país. Eu estava mesmo convencido de que Hillary Clinton ia ganhar! E quando ela não ganhou percebi que estava enganado em relação a muita coisa. É muito fácil ficar zangado com essas pessoas [que não votaram Hillary]. Mas quem são elas? Então pensei, e se eu fosse tentar perceber? E o que eu descobri foi que há pessoas que estão a sofrer muito. E as pessoas que estão a sofrer, muitas vezes querem fazer os outros sofrer também, querem incendiar as coisas. Mas, individualmente, foram sempre amorosas comigo. Eu sentava-me nos bares e conversava com as pessoas e cinco minutos depois elas já me estavam a contar o seu maior segredo.

Isso é uma coisa muito americana: essa simpatia e não ter problemas em conversar, mesmo com um desconhecido, certo?

Sim, eu diria que é muito americano… e talvez australiano também. Falar com estranhos. Mas o reverso da medalha é que se pensa que fez amizade com um americano não se admire se ele desaparecer. Não somos confiáveis nesse sentido. Enquanto que em Itália, por exemplo, e talvez também aqui em Portugal, demora muito tempo até sermos amigo de alguém, mas depois é para sempre. Na América, é mais amigos do Facebook.

Passados oito anos, Donald Trump volta a ser candidato e a probabilidade de voltar a ser presidente é bem real. A América está tão polarizada hoje em dia como parece vista daqui da Europa? Sente isso quando está em São Francisco?

Bom, eu vivo num sítio que não existe [*risos*]. Vivo numa bolha, súper de esquerda. Não são os Estados Unidos! Da mesma forma que uma pequena cidade no Mississípi não é os Estados Unidos e vive na sua própria bolha. E é por isso que eu tento sair dessa bolha sempre que possível. Com empatia e não com raiva. A verdade é que os Estados Unidos sempre estiveram polarizados e é por isso que tenho uma cena neste livro em que um europeu chega ao funeral e faz ao Arthur a pergunta que os americanos nunca fazem: E se a América for uma má ideia? Que é uma coisa que eu penso que os europeus se perguntam. E se a Europa for má ideia? Será uma boa ideia milhões de pessoas juntarem-se numa só unidade? Será que funciona? Somos todos tão diferentes. Eu acho que funciona se nos conseguirmos tolerar uns aos outros. Caso contrário, não. E neste momento, mesmo os meus amigos de esquerda não estão a ser tolerantes. Não podemos mudar as pessoas com quem vivemos. Eu sou a favor da compreensão. Mesmo se desejo a mudança tanto quanto as outras pessoas. Mas percebo que temos de viver com estas pessoas. Eu tenho de viver com o Mississípi, não é? Por isso, a única coisa que posso fazer é ir lá visitar… com a mente aberta e tentar perceber o que eles querem. Mesmo sendo muito diferentes, no fundo todos queremos o mesmo: que as nossas famílias sejam felizes.

Quando olhamos para as próximas eleições, vemos dois homens, brancos e velhos como candidatos – tão pouco em consonância com uma América jovem e multicultural. Quem é que o Andrew gostaria de ver como candidato à Casa Branca em 2028, alguém em quem se reveja?

A minha opinião não é muito popular, mas eu gostava de ver a vice-presidente Kamala Harris.

Não é de facto consensual…

Eu sei. Mas Kamala Harris foi minha senadora, foi minha representante no Congresso, por São Francisco. Já a conheci. Mas infelizmente ela não vai conseguir ganhar umas eleições. É uma pena. Por isso diria, de novo alguém de São Francisco, Gavin Newsom, o governador da Califórnia, que também foi meu *mayor* e que também conheci. É mais político e talvez conseguisse ganhar. É uma pessoa muito progressista e muito inteligente. Mas a verdade é que tem estado toda a gente muito calada nos bastidores do Partido Democrata. Não há estrelas a tentar emergir. O que faz com que pareça que não há mais ninguém além de Joe Biden. E não é verdade. Biden devia ter-se afastado. Não devia ter insistido em ser candidato. Foi pura vaidade. Ele sente que é o único. E ninguém gosta de desistir do poder. Nem mesmo pessoas perfeitamente decentes como Joe Biden.

"Faço parte da primeira geração em que assumimos a nossa sexualidade por razões políticas, para termos visibilidade, porque estava a haver uma pandemia de sida e precisávamos que as pessoas percebessem que éramos reais."

Voltando para trás, quando é que o Andrew decidiu que queria ser escritor? Sei que os seus pais são ambos cientistas…

Sim, os meus pais são cientistas, mas sempre adoraram livros, porque eles cresceram em zonas rurais da América, no Sul, em famílias pobres. E para eles os livros, as bibliotecas, eram janelas para outro mundo. Para o meu pai era aprender línguas estrangeiras…

E fala alemão [brincadeira como facto de o pai de Arthur Less falar alemão e o próprio ter uma forma bastante peculiar de falar essa língua]?

Sim, fala alemão [*risos*]. É fluente em alemão. Ambos os meus pais falam alemão porque nos Anos 1960 era preciso aprender alemão para se ser cientista uma vez que muitos textos científicos eram nessa língua. Portanto ambos falam alemão, mas o meu pai muito melhor. Então eles sempre nos passaram a nós a ideia de que os livros, especialmente os de ficção, eram uma maneira diferente de ver um outro mundo. Portanto, não foi uma surpresa eu tornar-me escritor, porque eles nos ensinaram a amar a literatura. E eu vejo semelhanças entre a ciência e as artes. A minha mãe é química experimental e eu consigo ver criatividade no que ela faz – a experimentação, o falhar e encontrar o sucesso nesse fracasso e seguir o caminho à nossa frente. Por isso não é assim tão diferente.

E eles nunca lhe disseram para arranjar um emprego "a sério"?

Estavam preocupados. Estiveram preocupados durante muito tempo. Mas agora já não estão.

Nasceu e foi criado no Maryland. Mas agora vive entre São Francisco e Milão, certo?

Na verdade vamos sair de Milão e mudar-nos para Veneza. É maravilhoso, mas já viu, parece um *cliché*: um escritor americano em Veneza! Hemingway fez isso. É uma cidade maravilhosa, cheia de artistas e escritores e também de turistas…

Essa sua experiência de viver entre a América e a Europa fá-lo sentir que são dois mundos diferentes?

Sim, faz-me perceber todos os dias como a América é paroquial. Não olha para fora. É como uma pequena cidade, apesar de lá viverem centenas de milhões de pessoas. Até tive de aprender a dizer "Estados Unidos" e não "América". Porque a forma como falamos de nós – América –, como se fôssemos um continente inteiro, aliás dois. E viver na Europa deu-me uma consciência diferente das minhas limitações. Especialmente enquanto escritor. Os americanos só leem livros traduzidos. Por isso quando venho cá percebo os mundos de literatura, de poesia, que ando a perder. E não há maneira de recuperar o tempo perdido. Agora até já leio um pouco italiano, mas nunca vou ler Pessoa no original. Os americanos aprendem outras línguas, mas não as usam. E falar outra língua é ter uma maneira diferente de estar no mundo. A nossa mente muda. Os americanos nunca experienciam isso, enquanto que quase todos os europeus que eu conheço têm essa experiência. E tenho inveja disso. O meu pai tem essa experiência. Fala alemão e russo e japonês. Até é fluente em norueguês

Norueguês?

Sim. Se calhar é um espião [*gargalhada*]. E está a aprender italiano agora.

Perante esta realidade, diria que as pessoas na Europa olham para a cultura de uma forma diferente da América? Quando diz que é escritor, a reação é diferente?

Quando estou num avião nos Estados Unidos e alguém me pergunta o que é que faço e respondo que sou romancista a pergunta que me fazem é "quanto é que ganhas?" Mas em Itália… por exemplo, para conseguir o visto tive de ir à esquadra e levei os meus livros em italiano. Quando os agentes viram os livros disseram-me "venha, venha, é escritor". Ou abrem a esquadra para mim porque conhecem os meus livros. Nos Estados Unidos isso é impossível.

E já tem tema para o próximo livro?

Bem, estou a escrever uma comédia sobre um americano em Itália [*risos*]. Esperemos que consiga evitar os *clichés*. Estou a esforçar-me por isso. Foi o que fiz também nestes livros.

Carlos Moura-Carvalho na Cabine de Leitura da Praça de Londres.

CARLOS PIMENTEL / GLOBAL IMAGENS

Dentro desta cabine telefónica existe uma microbiblioteca

INICIATIVA Há dez anos surgia na Praça de Londres, em Lisboa, a primeira Cabine de Leitura. Hoje há 50 pelo país. Um projeto "muito gratificante", diz o autor da ideia, Carlos Moura-Carvalho.

TEXTO **MARIANA DE MELO GONÇALVES**

Uma cabine telefónica vermelha, tipicamente londrina, na Praça de Londres em Lisboa está recheada de livros, desde clássicos portugueses de Eça de Queiroz a literatura infantil, como a série *Uma Aventura*.

O conceito desta Cabine de Leitura é simples: doar, levar, ler e devolver. A primeira surgiu há 10 anos – uma ideia do ex-diretor municipal de Cultura na Câmara de Lisboa Carlos Moura-Carvalho.

"Aqui no Areeiro, não há uma biblioteca municipal, a mais próxima é a Biblioteca do Palácio Galveias, e, portanto, achámos que seria bom criar uma microbiblioteca gerida por cidadãos", explica Carlos Moura-Carvalho em conversa com o DN, acrescentando que na altura fazia parte da Associação de Comerciantes e escreveu à Portugal Telecom a perguntar se poderia usar uma das suas cabines velhas para a Cabine de Leitura.

A escolha da típica cabine londrina foi devido à sua localização na Praça de Londres. Quando Carlos Moura-Carvalho foi escolher a cabine para o projeto percebeu que esta cabine de 1910 era a ideal. "Entretanto, já fizemos aqui obras e mudaram o chão. A cabine já saiu daqui e voltou. Ao longo destes 10 anos fizemos lançamento de livros, fizemos leituras encenadas, fizemos instalações artísticas, fizemos projetos de arquitetura do Instituto Superior Técnico, fizemos visitas de escolas."

Dentro da cabine de vidro e madeira, predominam os romance e os grandes clássicos da literatura portuguesa. Cada prateleira está dedicada a um género literário, incluindo banda desenhada e livros internacionais. A única coisa que a Cabine de Leitura não aceita são livros técnicos, porque não são escolhidos pelo público em geral.

> A Cabine de Leitura está aberta consoante a disponibilidade dos 12 voluntários. É aberta durante o dia por um voluntário que fica por ali durante uma ou duas horas.

Atualmente, existem 50 cabines de leitura espalhadas por Portugal produzidas pela Portugal Telecom.

Carlos Moura-Carvalho também recebe alguns livros de escritores em sua casa que depois vai colocar na Cabine de Leitura. Por exemplo, o livro *O tempo sabe o que o amor não diz* de Diana S. Rodrigues foi enviado para a casa do criador do projeto.

As escritoras Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães, autoras dos livros infantis *Uma Aventura*, são as madrinhas da Cabine de Leitura . As duas autoras foram escolhidas para atrair também um público mais jovem. "Era uma forma de dar o exemplo de escritoras para jovens e público infantil, que é muitas vezes uma literatura que é mais esquecida. Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães são das autoras mais conceituadas ainda hoje neste género", acrescentou.

> As escritoras Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães, autoras de *Uma Aventura*, são as madrinhas da Cabine de Leitura e vão estar também presentes na inauguração da placa.

A Cabine de Leitura está aberta consoante a disponibilidade dos 12 voluntários. Atualmente, a microbiblioteca é aberta durante o dia por um voluntário, que fica por ali durante uma ou duas horas. Inicialmente, era aberta de manhã e só fechava ao final do dia, mas roubavam livros e partiam os vidros do espaço. "Passámos a fazer este sistema. E assim criamos também um projeto paralelo de cidadania. No fundo, estas pessoas são uma espécie de bibliotecários, que ajudam na manutenção deste espaço", explicou. As idades destes voluntários variam entre os 30 e os 50 anos. "São pessoas que dão uma hora por dia para vir aqui, abrir a cabine, conversar com as pessoas", acrescenta.

10 anos da Cabine de Leitura

Para assinalar os 10 anos desta Cabine de Leitura, o artista António Faria fez uma placa comemorativa que será inaugurada no dia 23 de abril, Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor, na Praça de Londres. As autoras de *Uma Aventura* vão estar também presentes na inauguração da placa.

Para Carlos Moura-Carvalho, 10 anos deste projeto é algo muito gratificante. "É muito interessante. De todos os projetos que eu fiz na vida, na área cultural, este é o mais gratificante e acaba por ser dos mais longos. Este é talvez um dos projetos mais simples, mas ao mesmo tempo dos mais gratificantes. Acho que ter espalhado este conceito de uma forma natural é muito giro e é muito positivo", sublinhou.

No entanto, Carlos Moura-Carvalho referiu que a Cabine de Leitura nunca teve apoio da Câmara. "Por exemplo, esta placa sou eu que vou pagar e se a porta avaria temos de andar a tentar arranjá-la. Já foi vandalizada e roubada várias vezes", explica.

mariana.goncalves@dn.pt

Opinião
Guilherme d'Oliveira Martins

Memórias Minhas

Ao ler *Memórias Minhas* de Manuel Alegre senti os ecos da Carta de Francisco Sá de Miranda a el-rei D. João: "Homem dum só parecer / dum só rosto e d'uma fé / d'antes quebrar que volver, / outra cousa pode ser, / de corte homem não é."

Estamos perante um livro de várias vidas numa só vida, que nos obriga a pensar que a democracia exige uma longa caminhada. As raízes familiares são ricas e múltiplas: "Na minha família há liberais e miguelistas, monárquicos e republicanos, nobres e plebeus, um avô paterno, amigo do rei D. Carlos, a quem nem por isso deixou de vencer várias vezes em torneios de tiro aos pombos, e um avô materno, republicano e carbonário, encarregado de prender o rei D. Manuel II, no Buçaco, numa gorada tentativa revolucionária." É Portugal todo aqui. E é esse percurso que encontramos com passos refletidos, numa escrita exemplar, do prosador que usa o ritmo poético para iluminar a realidade.

O livro lê-se de um fôlego, mas obriga a ir regressando e rememorando, uma vez que é História real que aqui se conta, até lembrando o velho jardineiro da avó Maria Tereza, que perante nuvens no horizonte, dizia: "O tempo, minha senhora, está a causticar na favorita da Primavera…"

A cada passo encontramos o mesmo inconformismo. Depois da luta estudantil, há um assomo de rebelião, em Ponta Delgada, com António Borges Coutinho e Ernesto Melo Antunes, entre liturgias patrióticas… Envolvendo um aristocrata sergiano, leitor de Antero, e um arguto militar que lia Gramsci, houve até o sonho frustrado de uma revolta. Manuel Alegre escrevia *A Praça da Canção*… Depois, vem a jornada de África. Luanda, Nambuangongo, Quipedro, Muxima, Sá da Bandeira, Sanza Pombo, Quicua… A experiência angolana da guerra e a prisão pela PIDE contribuíram para uma firme tomada de consciência. Era preciso destruir a sombra sebastianista. Com "orgulho na aventura marítima de Portugal", Manuel Alegre pensava que era tempo de fazer a viagem do caminho marítimo para a Índia ao contrário. Se houve um tempo para partir, agora era tempo de voltar, para "achar Portugal em Portugal". Havia que derrubar a ditadura.

Regressado a Coimbra, a PIDE aperta o cerco. Na Praça da República, a caminho do Mandarim, com Adriano Correia de Oliveira, sente a sombra negra da polícia e num ápice nasce o tema da *Trova do Vento que Passa*: "Mesmo na noite mais triste / em tempo de servidão / há sempre alguém que resiste / há sempre alguém que diz não."

Mas o poeta tem de partir, com o apoio de João José Cochofel, tendo como destino imediato a Casa de Vilar, graças à generosidade de Rui Feijó, sob a memória do poeta Álvaro Feijó. "Casa de onde mais não sairei. Mesmo depois de partir, sobretudo depois de partir." Daí parte clandestinamente e é tocante a descrição desse momento de todos os riscos. Depois, Paris e Argel, a Voz da Liberdade e dez anos a preparar, dia a dia, as emissões, com entusiasmo e sacrifício.

É histórica a entrevista a Amílcar Cabral, onde este afirma: "Não é mentira, não, os portugueses deram de facto novos mundos ao Mundo e aproximaram povos e continentes." Afinal, o fascismo e o colonialismo é que estavam a desunir o que a História tinha aproximado. São tempos intensos em que se sente o pulsar de uma oposição plena de dúvidas e incertezas. Em Argel, relê a *Odisseia* e sente-se dentro da errância de Ulisses, no relato de uma viagem de retorno.

Depois da Revolução de Abril, Manuel Alegre traz-nos recordações que emocionam. "A revolução democrática venceu. Nas urnas, nas ruas e na Assembleia Constituinte onde, apesar de todos os confrontos, os deputados foram fazendo o seu trabalho, redigindo uma Constituição que não poderia ser alheia às transformações políticas, sociais, económicas e culturais ocorridas desde o 25 de abril. Várias e até contraditórias conceções de revolução. Mas o essencial está consubstanciado na Constituição"… E é assim que são tecidas *Memórias Minhas*, com alma, determinação, coragem, sentimento e vontade.

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian

Opinião
Luís Castro Mendes

Carta de Viena

Por muito que tenhamos lido e sonhado sobre elas, as cidades de onde não falamos a língua ganham uma opacidade ao nosso olhar mais atento, uma resistência ao nosso diálogo com elas, que é difícil superar.

Aqui não tenho sessões nem palestras, só mesmo fortes laços familiares me trazem de novo a esta cidade, que evoca, para mim, a Cacânia de Musil, *O Mundo de Ontem* de Zweig ou o *apocalipse feliz* de Herman Broch. Mas os jornais e as revistas estão-me fechados e é neles que se sente o pulsar atual da vida.

Bom, a extrema-direita aqui foi afastada do poder, após um escândalo que metia dinheiros russos (muito ativos aqui) e vários negócios escuros. No entanto, o partido da extrema-direita (FPO) está muito à frente em todas as sondagens, ao ponto de o escritor austríaco Peter Menasse ter assumido na *Feira do Livro de Bruxelas* (numa sessão de que falei em crónica anterior) que em breve o seu primeiro ministro seria da extrema-direita.

A extrema-direita, continuando a ser essencialmente soberanista, admite hoje jogar o jogo europeu, desde que consiga arrastar o centro-direita para posições conformes às suas (e Manfred Weber, do PPE, parece ser defensor dessa aliança). Veremos o que as eleições europeias nos irão trazer e em que medida o centro-direita poderá fazer face a políticas que são a negação expressa do projeto e do ideal europeu.

Tenho pena de não estar em Lisboa, para poder descer a Avenida da Liberdade na manifestação que espero grandiosa e esmagadora. Eu comemorarei o 25 de Abril por terras de França, com a nossa comunidade, que faz parte também dos vencedores de abril."

Vou a meio da crónica e já me falta o assunto. Recorro às notícias da pátria, trazidas pela indispensável internet. As comemorações do 25 de Abril ocorrem por todo o lado, negando a visão pessimista que em tempos exprimi sobre a sua visibilidade num quadro político tão cheio de novidades como o atual. Para além do notável trabalho de Maria Inácia Rezola e da sua equipa, creio que esta multiplicidade de comemorações mostra que há uma vontade na nossa sociedade de reafirmar os valores da democracia e da liberdade contra todos aqueles que a querem pôr em causa.

Tenho pena de não estar em Lisboa, para poder descer a Avenida da Liberdade na manifestação que espero grandiosa e esmagadora. Eu comemorarei o 25 de Abril por terras de França, com a nossa comunidade, que faz parte também dos vencedores de abril.

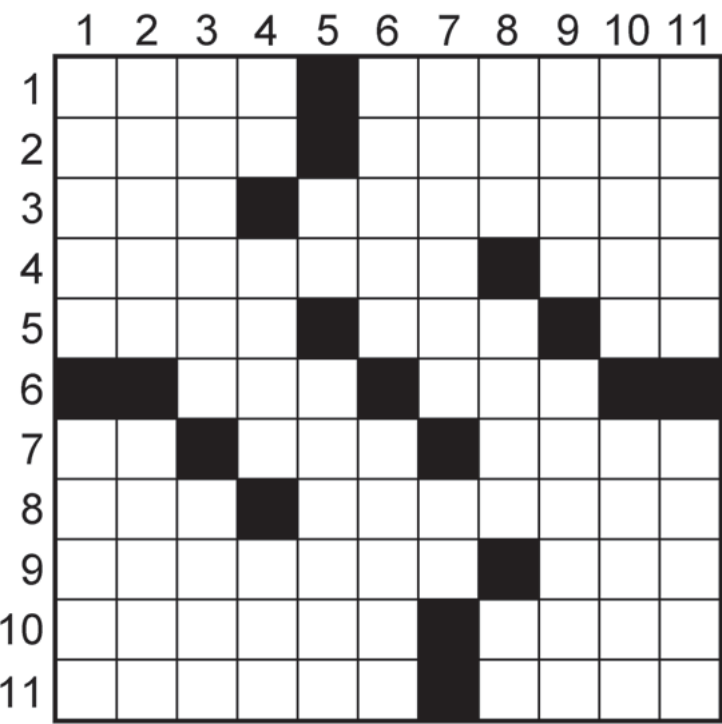
O estrangeirado, quando volta a Portugal, sente que, por muitas mostras sinceras de amizade e de solidariedade que receba, uma distância continua a existir entre ele e os que ficaram. Isto não tolda as amizades, nem as solidariedades, apenas lhes inscreve essa marca de distância que o tempo criou. Voltar a sair da pátria é para o estrangeirado a confirmação de que aqui fora respira com mais naturalidade. Não é melhor, nem pior: é apenas mais natural. E a própria saudade se inscreve nessa distância irrevogável (que palavra esta!...).

A própria saudade é feita deste misto de pena de não estar e de alívio por não estar, que é próprio das almas estrangeiradas.

E evoco os versos de Manuel Alegre, de quem espero ler as memórias, mal regresse a Portugal:

Quando desembarcarmos no Rossio canção
Vão dizer que a rua não é um rio,
Vão aprisionar o teu navio
Carregado de vento carregado de pão.
E contudo desembarcámos!

Diplomata e escritor

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: **1.** Fêmea do boi ou do touro. Parte mais larga dos alicerces de uma construção. **2.** Casa de esquimós. Elogiar servilmente. **3.** Desloca-se no ar. Célebre. **4.** Vagabundo. Base aérea portuguesa. **5.** Órgão das plantas vasculares de fixação e absorção, normalmente subterrâneo. Interjeição que serve para chamar ou saudar. Érbio (símbolo químico). **6.** Senão. Mulher que cria uma criança alheia. **7.** Interjeição que exprime admiração. Soberano. Governador árabe. **8.** Redução de maior. Epíteto. **9.** Modo de proceder. Víscera dupla. **10.** Dilação. Creme. **11.** Cordão de metal ou de requife que guarnece ou abotoa a frente do vestuário. Levantar.

Verticais: **1.** Existir. Querida. **2.** Neste momento. Hospedaria grande e luxuosa. **3.** Instrumento de sopro, com ou sem pistões, de som estridente. Montão. **4.** Ouro (símbolo químico). Desdita. Modo de dizer. **5.** Prefixo (negação). Falta de humidade. **6.** Pulo. Misturar com iodo. **7.** Tábua arqueada de tonel, pipa, etc. Germânio (símbolo químico). **8.** Vurmo. Assim seja (interjeição). Sódio (símbolo químico). **9.** Elevado. Sem a noção dos princípios da moral. **10.** Caixa de massa batida ou folhada, guarnecida com frutas, compota ou creme e cozida no forno. Segue o exemplo de. **11.** Assorear. Manobrar os remos.

SUDOKU

		9	6			3	5	7
2		6	3		7	9		
				7			2	1
9					1			
		5	4		6		3	
							7	
		2	7	6		1		
4	7		5	1			9	6

SOLUÇÕES

3	5	7	1	8	9	6	4	2
1	8	9	6	4	2	3	5	7
2	4	6	3	5	7	9	1	8
6	3	8	9	7	5	4	2	1
9	2	4	8	3	1	7	6	5
7	1	5	4	2	6	8	3	9
8	6	1	2	9	3	5	7	4
5	9	2	7	6	4	1	8	3
4	7	3	5	1	8	2	9	6

Palavras Cruzadas

Horizontais: 1. Vaca. Sapata. 2. Iglu. Adular. 3. Voa. Ilustre. 4. Errante. Ota. 5. Raiz. Olá. Er. 6. Mas. Ama. 7. Ah. Rei. Emir. 8. Mor. Cognome. 9. Atitude. Rim. 10. Demora. Nata. 11. Alamar. Alar.

Verticais: 1. Viver. Amada. 2. Agora. Hotel. 3. Clarim. Rima. 4. Au. Azar. Tom. 5. In. Secura. 6. Salto. Iodar. 7. Aduela. Ge. 8. Pus. Ámen. Na. 9. Alto. Amoral. 10. Tarte. Imita. 11. Arear. Remar.

Škoda Kodiaq. O melhor amigo da família

MOTORES O novo Kodiaq segue a fórmula vencedora do original acrescentando melhorias significativas. Os preços começam nos 41 500 euros da versão 1.5 TSI mHEV de 150cv.

TEXTO **FERNANDO MARQUES** (MOTOR 24)

Líder global nos automóveis movidos a energias alternativas em 2023 (entre híbridos e 100% elétricos), a BYD dá mais um passo na sua implantação em Portugal, em primeiro lugar com a expansão territorial, que este ano irá apostar no interior do país, e, em segundo, com novos modelos para a sua gama, sendo o Seal a mais recente aposta para o segmento superior (esperando-se em breve a chegada do SUV Seal U).

Os fãs da geração anterior vão ficar satisfeitos por saber que a filosofia do Škoda Kodiaq continua a mesma. Mas com a possibilidade de escolher cinco ou sete lugares, motorizações a *diesel* ou gasolina e duas ou quatro rodas motrizes. A novidade é que existe agora uma versão híbrida *plug-in* com uma autonomia de até 100 quilómetros em modo puramente elétrico e aceita carregamento rápido.

Com os SUV a tomarem o lugar dos monovolumes, um fator importante para quem os compra é o espaço disponível, e se no Kodiaq anterior já era abundante, o novo pretende ser a referência nesse aspeto. Construído com base na plataforma MQB Evo, partilhada pelo Grupo Volkswagen, cresceu 59mm, para um comprimento total de 4758mm. Na prática, significa que os ocupantes dos bancos da segunda fila podem esticar as pernas como se estivessem numa poltrona. Quando for necessário podem ser deslizados para a frente para acomodar dois adultos na terceira fila.

Com cinco ocupantes, a bagageira disponibiliza 845 litros, ou 340 litros utilizando os sete lugares, configuração que não está disponível na versão híbrida *plug-in* e a capacidade da mala reduz para 745 litros.

Aerodinâmica otimizada

No exterior do Kodiaq foi aplicada a nova linguagem de *design* da marca *Modern Solid*, menos retilíneo para melhorar a aerodinâmica, que se fixa agora em 0,28Cx. Inclui uma faixa luminosa de série na traseira, novos faróis e grelha com iluminação opcional na frente.

Na apresentação internacional do novo Škoda Kodiaq em Barcelona (Espanha), o Motor 24 teve a oportunidade de um breve contacto com uma das versões que vai estar disponível mais cedo no mercado nacional e emprega a tecnologia *mild-hybrid*. Trata-se de um motor 1.5 TSI a gasolina com 150cv acoplado a uma caixa DSG de 7 velocidades. O sistema utiliza um gerador de arranque e uma bateria de iões de lítio de 48v para obrigar este SUV de grandes dimensões a fazer dieta no consumo de combustível. O pequeno propulsor de quatro cilindros em andamento a baixa rotação é praticamente inaudível.

Só se notou o seu funcionamento enquanto "puxava" as 1,6 toneladas do Kodiaq a subir as estradas de montanha catalãs. A afinação firme da suspensão é confortável, mas não tem o refinamento da DCC *Plus opcional* que já tínhamos testado na nova Škoda Superb. Num percurso de cerca de 120 quilómetros obtivemos uma média de consumo de 7,1L/100km, o que confirma a frugalidade da motorização.

No interior encontramos soluções a que a marca chama *Simply Clever*, como a inclusão de um guarda-chuva na porta, ou a base de carregamento para *smartphone* de 15W com ventilação para evitar o sobreaquecimento.

São agora cinco, as opções que a marca disponibiliza como *Design Selection* para escolha de materiais e acabamentos. Gostámos particularmente da *Suite Black* com lã reciclada, madeira e pele sintética perfurada, nos bancos, *tablier* e portas. As restantes quatro são: *Loft*, *Lounge*, *Suite Cognac* e uma especial *Sportline* que só chegará ao nosso mercado no final do ano.

Os botões físicos foram reduzidos ao mínimo indispensável, com a introdução dos *Smart Dials* que consistem em três botões rotativos, em que o do centro pode ser programado para controlar, por exemplo, o volume do sistema de som ou escolher os modos de condução. O painel de instrumentos digital de 10,25 polegadas é novo e pode ser como um *Head-Up Display* em opção.

O infoentretenimento, está a cargo de um ecrã tátil de série com 13 polegadas, que estreia um novo assistente de voz digital com integração de Inteligência Artificial através do ChatGPT. Não ficámos fãs do sistema de navegação, que, por duas vezes, nos orientou no sentido errado, o que, segundo apurámos, aconteceu também com outros jornalistas.

Com cinco ocupantes, a bagageira disponibiliza 845 litros, ou 340 litros utilizando os sete lugares. O painel de instrumentos digital é novo.

Além desta versão, existe também a motorização 2.0 TDI de 150cv, ambas com chegada prevista para junho deste ano. Mas a grande novidade é a versão híbrida *plug-in* do Kodiaq iV com um motor a gasolina 1.5 TSI e outro elétrico, para uma potência combinada de 204cv. Juntamente com a generosa bateria de 25,7kWh, a marca anuncia uma autonomia totalmente elétrica superior a 100 quilómetros no ciclo WLTP.

Pode ser carregada dos 10% aos 80% em duas horas e meia, com uma potência máxima de 11kW numa *wallbox* doméstica. Ou em apenas 25 minutos em postos de carregamento com corrente contínua de 50kW. Esta versão só estará disponível no terceiro trimestre de 2024.

Os preços (estimados) começam nos 41 500 euros do Škoda Kodiaq 1.5 TSI mHEV de 150cv e sobem para os 46 000 euros da proposta com o motor 2.0 TDI de 150cv.

Diario de Noticias

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

O COMERCIO com a França

A GLORIOSA VIAGEM DO "PATRIA"

Decorre sob os mais brilhantes auspicios a colheita de receitas para os aviadores

Todos os teatros de Lisboa darão espectaculos a favor do "raid"

MOVIMENTO FINANCEIRO

A questão da população

É PRESO UM DOS CUMPLICES DOS ASSASSINOS DO "RAPIDO" MADRID-CÓRDOVA-SEVILHA

A NOSSA SUBSCRIÇÃO

JEANNE PROVOST

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 23 DE ABRIL DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

É PRESO UM DOS CUMPLICES DOS ASSASSINOS DO "RAPIDO" MADRID-CÓRDOVA-SEVILHA

O celebre individuo, efeminado, apesar de reconhecido por numerosas testemunhas, opõe uma pertinaz negativa

MADRID, 22.—Não resta duvida de que é digna do maior elogio a acção da policia na descoberta dos bandidos que assaltaram a ambulancia postal do rapido da Andaluzia.

A confissão do suicida

Após o encontro do cadaver dum dos assassinos, Teruel, antigo jogador de profissão e individuo de maus precedentes, a policia procurava activamente o individuo de modos efeminados que alugou o automovel do «chauffeur» Pedrero. Essa diligencia foi coroada de exito, pois esse individuo já se encontra em poder da policia, mas antes de narrarmos esta prisão, seja-nos permitido dizer que, junto do cadaver de Teruel, foi encontrado um papel em que o suicida tinha escrito estas palavras: «Sou eu o unico autor do crime do comboio de Sevilha.»

A policia ligou a este papel a importancia que merecia. Pelas averiguações precedentes, que o leitor já conhece, sabia perfeitamente que três individuos pelo menos estavam implicados no crime. Teruel, fazendo justiça a si mesmo, pretendia com essa declaração apenas salvar os cumplices.

Um depoimento interessante

O mesmo Teruel, ao que consta, escreveu uma carta á direcção geral de segurança, ao saber da detenção da mulher, na qual dizia que os 20 duros que lhe haviam sido encontrados os ganhára ele ao jogo com a trapaça que fizera. A policia parecia ter ligado a esta declaração do suicida a mesma importancia que ligára ao papel que foi encontrado junto do seu cadaver.

Todavia, o depoimento da mulher de Teruel foi interessantissimo. As suas declarações levaram a policia a efectuar novas prisões e entre elas uma muito importante, a de José Sanchez Navarrete, o individuo efeminado a que atrás nos referimos.

Uma prisão sensacional

Seriam cêrca das 9 horas e meia da noite quando um grupo de agentes das brigadas movel e defesa social se dirigiu á casa de Navarrete na «calle» de Orellana n.º 5. Com toda a precaução subiram a escada. Depois de terem tocado á campainha, apareceu-lhes a criada, uma rapariga nova e bastante simpatica que inquiriu do que desejavam.

—O sr. José Sanchez Navarrete?

—Está a acabar de jantar... vou chamá-lo...

Um dos agentes, segurando-a pela mão, disse-lhe em voz baixa mas energica:

—A menina não se mexe daí... e cale-se.

Os outros agentes penetraram na sala, indo encontrar Navarrete na casa de jantar, onde estava comendo em companhia de sua mãe.

Amor de mãe

A scena foi dolorosa. A boa senhora julgava-se vitima duma alucinação e jurava por todos os santos que os agentes eram vitimas dum equivoco. Abraçada ao filho, com o rosto inundado de lagrimas, metia dó.

Um dos agentes, mais rudemente, pretendeu pôr cobro á scena, mas a pobre mãe ajoelhou-se-lhe aos pés, pedindo-lhe por tudo que não lhe tirassem o filho de junto de si. Custou mesmo a convencê-la a separar-se dele.

Navarrete profundamente comovido pretendeu sair de junto dos agentes, sob o pretexto de ir mudar de roupa, mas não lho consentiram.

Reconhecido!

Conduzido á Direcção de Segurança foi imediatamente reconhecido pelo «chauffeur» Pedrero como o individuo que lhe tinha alugado o seu automovel, o n.º 10.740, na praça de Atocha, na sexta-feira, á tarde, para ir a Aranjuez e de aí a Alcazar de San Juan, onde entraram os três individuos que tudo leva a crêr foram os assassinos dos desgraçados empregados do correio, Lozano e Ors.

Navarrete negou terminantemente na sua voz feminina e guinchadora que tivesse sido ele o alugador do automovel, mas o «chauffeur» exigiu a presença de Benigno Aquilera, o empregado da garage que vendeu a gazolina para o carro no seu regresso de Aranjuez. Este confirmou a declaração do «chauffeur»: Navarrete era o tipo efeminado que seguia no carro. Outros «chauffeurs» reconhecêram igualmente em Navarrete o individuo que na ponte de Atocha alugára o carro de Pedrero.

A prova da culpabilidade

Que os individuos que viajaram nesse carro foram os assassinos não admite duvidas. Entre as notas com que pagaram o serviço do automovel havia três de 100 pesetas das seguintes série e numeros: A-3968216; C-3581563; C-5726846. Ora estas três notas haviam sido enviadas dentro duma carta de valor declarado por um banco de Madrid, carta que seguia na ambulancia postal onde foi cometido o assassinio e o roubo.

José Sanchez Navarrete é funcionario dos correios, sendo empregado na secção bancaria e de comunicações. Durante muito tempo fez serviço na ambulancia de Malaga.

E' um individuo efeminado que, tendo ha tempos pretendido casar com uma rapariga formosissima, filha de um funcionario dos correios, recebeu desta uma negativa terminante.

Navarrete levava uma vida licenciosa acompanhando pessoas que nada têm a recomendá-las perante o sexo fragil e tão pouco perante o sexo forte. A conduta de Navarrete causou grandes desgostos a seus pais, criaturas honestas e honradissimas. Contudo, ninguem presumiria que ele estivesse envolvido nesta sanguinolenta tragedia.—Especial.

*

Vêr mais noticias na Ultima Hora

MOVIMENTO FINANCEIRO

A questão da população

Todo o segredo do futuro das nações está na qualidade e na quantidade dos seus homens. Eles são a força viva que engendra a prosperidade ou a ruina, que curva o destino e abre os grande, horizontes, ou faz do caminho da existencia uma agonia lenta e penosa. Nos homens—nos seus vicios ou nas suas virtudes—está a explicação dos triunfos e das derrotas. Longo tempo se julgou que, acima de todas, as questões de numero se impunham e que a historia dos povos era sobretudo a historia da ascensão ou do declinio da quantidade; mas, hoje, é nas questões de qualidade que as atenções devem principalmente quedar-se. E' que, secas as almas pelo positivismo da epoca, em todos os corações e em todos os pensamentos murchou a ideia do interesse geral: e poucos sacrificam agora o seu beneficio, mesmo o minusculo e transitorio, á vantagem publica, por larga e permanente. E quanto mais este antagonismo se acentuar, mais se ágravará com ele a debilidade das forças de ordem e de trabalho, sem as quais uma sociedade não pode viver e prosperar; a causa social parece estar acima do entendimento e da consciencia de quasi todos: por isso é preciso gravar bem no espirito de cada qual, para que possa servir de guia a todas as atitudes, a ideia de que o interesse geral é de tal modo solidario com os interesses individuais que, arruinado aquele, sobre os seus escombros ficariam irremediavelmente estes. Defender um pertinazmente é, portanto, da melhor forma, servir os outros.

Todo o mal estar presente, o degladiar de egoismos a que assistimos e que ás vezes confrange e ás vezes apavora, todos os sintomas de decadencia social que á nossa volta pululam, evidenceiam o conflito que nas linhas anteriores constatamos, conflito que a estatistica demografica apresenta agora na sua fase mais curiosa e mais aguda.

Factos recentes denunciam em verdade a existencia de uma profunda crise na população portuguesa—denunciam, portanto que, abaixo dos aspectos que, no orçamento ou nos cambios, possam revestir as deficiencias da produção, mais fundo do que elas, um grande mal vai corrompendo a nossa vida e destruindo as suas proprias raizes. Esse mal, que pode ser o começo de uma grave decadencia, tem de ser estudado sob todos os seus aspectos, porque é o problema da propria existencia nacional que com ele surge. Não é um debate teorico que assim se levanta, é uma angustia que se transmite a todas as facetas da vida portuguesa e é porventura a causa profunda da grande doença social que nos aflige.

* * *

Na sua crua simplicidade a verdade é esta: a população portuguesa, que entre 1878 e 1890 cresceu de 499.030 individuos, entre 1890 e 1900 de 373.403 e entre 1900 e 1911 de 536.924, entre 1911 e 1920 apenas aumentou em 72.935 almas. Já muito de trás pode considerar-se lento o nosso desenvolvimento demografico. Mas o aumento medio anual que, nos dez anos que antecederam 1911, foi ainda de 9 por 1.000 pessoas, caiu para 1,36 nos anos seguintes. Numero inferior a este só se encontra na França—que é, demograficamente, um pais que morre. Comparada com a da Europa a nossa população decresce sucessivamente no seu valor relativo. Se ainda em 1801 representavamos 0,0166 da gente europeia, em 1840 já só representavamos 0,0136 e hoje mais não somos do que 0,0125.

Em 1911 a responsabilidade da fraqueza destas cifras podiam ser lançadas sobre a emigração. Esta já não é a causa unica do mal. Se ainda, entre 1900 e 1911, a diferença entre os que nasciam e os que morriam deixava a nosso favor um saldo que em media foi de 65.023 individuos por ano, já entre 1911 e 1920 este saldo foi só de 53.506 e, áquem de 1917, só de 14.826. As proprias fontes da raça estão atingidas.

E se por este caminho continuarmos, da despopulação relativa cairemos na despopulação absoluta. Atrás da França iremos para o suicidio. Todos os factos o revelam: Os nascimentos baixam, a mortalidade cai, a familia desorganiza-se. E, sobre tudo isto, é fraca a população produtiva e mal distribuida nas suas actividades.

E' uma questão que tem de apaixonar toda a gente. Nenhum espectaculo seria mais confrangedor do que o de uma nação que em plena consciencia do seu destino assistisse indiferente á sua lenta agonia. E' tempo ainda. Estas cifras estão exigindo da grei inteira um esforço de libertação.

Vergonha suprema seria que deixassemos assim sumir obscuramente uma patria que heroismos sem par fundaram e cimentaram, patria que atingiu os mais altos cimos da gloria e que, anos atrás, pelo equilibrio das suas funções e pelos indices da sua vitalidade se impunha ainda ao respeito universal.

* * *

Os nascimentos caem. De ano para ano, pode dizer-se, este declinio se acentua, com uma insistencia que impressiona e a que só o ano de 1920 faz excepção. Ainda em 1911 a natalidade portuguesa era das mais fortes da Europa: 38,59 por mil habitantes; depois, cada ano foi marcando um degrau na descida, até que, em 1919, a taxa dos nascimentos atingiu 26,40 por mil. O periodo de 1916-20 assinala, com um numero medio de 29,77 por mil o mais baixo nivel da natalidade portuguesa.

Existe pois já em Portugal um problema da natalidade—problema que se não alcançou ainda a aquidade que tem noutros paises (em França em 1922, a cifra dos nascimentos foi de 19,4 por mil, na Suiça de 19,5, na Suecia de 19,6) a ser descurado não pode deixar de nos levar a uma situação perigosa, tanto mais que factores especiais agravam sensivelmente a sua temibilidade.

E' a raça ameaçada—la flamme qui ne doit pas s'eteindre, como diz Lammy—e que é preciso salvar, estudando todas as causas, tentando todos os remedios. Este povo que, pelas suas virtudes e pelo seu poder, foi fadado para os mais altos designios e que, um seculo, pela universalidade do seu genio, pareceu ter sido a obra prima de Deus, não pode estinguir-se.

E a natalidade decresce porque a familia portuguesa foi ferida. Essa familia que era o nosso orgulho—pela sua soberba unidade sentimental, pela disciplina e pelo respeito dos que a compunham, que tinha atrás de si, na união das almas na fé, uma tradição de seculos, asilo indestrutivel contra todas as tormentas da vida—foi atacada. E é porque a familia está abalada que a natalidade tomba. Factores perniciosos invadiram o lar, inquinando a vontade dos esposos de modo tal que começaram a tornar vã a natural prodigalidade da especie.

*

(*Continua na 2.ª pagina*)

JEANNE PROVOST

ilustre estrela da scena de França fala-nos da sua alegria de representar em Portugal

No seu repertorio inclui-se pela primeira vez uma peça portuguesa

Jeanne Provost e o seu colega Georges Mauloy, momentos depois de chegar a Lisboa
(Foto «Noticias»)

—Mademoiselle Jeanne Provost?

—Eu mesma.

Na sala do hotel, já deserta áquela hora, a ilustre actriz, afeita, pelos habitos da profissão á inopinada interferencia do jornalista que se não conhece, acolhe-nos com o mais amavel dos sorrisos, estende-nos uma linda mão fina e espiritual como devem ser as mãos das fadas, enquanto declinamos a nossa identidade e lhe pedimos venia para a importunar com a exigencia de duas palavras de impressões á hora da chegada.

—Mas, porque não?—e indica-nos uma cadeira.

A gentilissima actriz, qua Lisboa vai ter o prazer de admirar em algumas das notaveis criações que fizeram a sua fama, tem o supremo encanto de uma simplicidade natural, as suas maneiras distintas dizem com o seu sorriso tranquilo. Não se lhe descortina sombra de afectação, e as suas primeiras palavras, modestas e sem enfases, falam-nos do seu entusiasmo pela ideia de representar nesta cidade, do seu agradecimento pelas gentilezas já aqui recebidas.

—Sem ter representado em Lisboa, têm-me chegado, através dos meus colegas que aqui vieram já, os ecos da personalidade tão caracteristica da vossa plateia. Sei que é profundamente emocionavel e sentimental. E' essa para mim a qualidade soberana das multidões quando se encontram em frente do scenario. Bastou-me observar a gente portuguesa que vi por essas estações fora desde a fronteira, analisar, em detalhe, o quasi silencioso desembarque dos passageiros do comboio que me trouxe, para concluir que o celebrado «refrain» «Les portugais sont toujours gais» é falho apenas de uma dificuldade de rimas...

—Que me diz do seu repertorio para Lisboa, e nele qual a sua peça preferida?

—Não tenho preferencias. O publico julgará Quero apenas notar a minha satisfação em dar aqui a «première» da «Fausse Route».

—Nisso experimentarei um duplo prazer: o de prestar homenagem á arte dramatica dum país amigo, e o de representar uma peça que muito me agrada. E olhe que representá-la é um verdadeiro «tour-de force». Karsenty tinha pedido ao dr. Augusto de Castro uma obra inedita mas ele não teve tempo de a escrever e, como Karsenty insistisse, mandou-lhe ha cerca dum mês, a tradução do seu «Caminho Perdido». Imagine! três actos inteiramente novos para nós, algumas semanas apenas antes da viagem, caindo-nos em pleno tra

lotaria clássica
EXTRAÇÃO: 017/2024 **2.º PRÉMIO: 60570**
1.º PRÉMIO: 49783 **3.º PRÉMIO: 65989**

EURODREAMS
SORTEIO: 033/2024
CHAVE: 6-23-24-31-32-39 + 1

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Desafios da NATO debatidos na FLAD

O Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general José Nunes da Fonseca, relembrou o papel essencial da NATO na defesa do Ocidente e na manutenção da paz, numa palestra ontem em Lisboa na sede da Fundação Luso-americana para o Desenvolvimento (FLAD) a assinalar os 75 anos da Aliança Atlântica. A sessão, aberta por Rita Faden, presidente da FLAD, prosseguiu com um debate sobre os desafios para a NATO entre o major-general Nuno Lemos Pires, diretor-geral de Política de Defesa Nacional, e a professora Ana Santos Pinto, da Nova, com moderação de Francisco Nobre, da YATA Portugal. Lemos Pires declarou-se confiante na parceria transatlântica seja qual for o resultado das presidenciais nos EUA. Por seu lado, Santos Pinto alertou que reforçar a NATO exige discutir muito mais do que a meta dos 2% do PIB em gastos de Defesa.

FLAD

Saúde: Governo promete resposta às Ordens em 60 dias

REUNIÕES Responsável pela pasta, Ana Paula Martins, disse que Executivo vai avaliar propostas pois têm de ser analiadas pelo "Governo como um todo".

O Governo vai avaliar nos próximos dois meses as propostas apresentadas ontem à ministra da Saúde pelas ordens profissionais, que demonstraram preocupação com a resposta assistencial do Serviço Nacional de Saúde (SNS), anunciou a ministra.

"Todas as propostas que nos fizeram chegar formalmente serão agora avaliadas, uma a uma, nos próximos dois meses, porque parte delas não depende só do Ministério da Saúde, depende do Governo como um todo", afirmou aos jornalistas Ana Paula Martins, após reuniões com as ordens dos Médicos, Enfermeiros e Farmacêuticos.

A governante explicou que é preciso que cada uma das propostas "seja avaliada no seu impacto a todos níveis".

"O prazo de dois meses não é um prazo do Ministério da Saúde. O prazo de dois meses é o prazo que a Ordem dos Médicos, nas suas propostas, deu ao Ministério da Saúde para podermos responder àquilo que era o seu apelo à colaboração", esclareceu.

Todavia, Ana Paula Martins garantiu que em 60 dias haverá uma resposta para as ordens. "No prazo de 60 dias conseguiremos dizer às ordens quais são as matérias em que esperamos a colaboração das ordens e quais são as matérias onde, naturalmente, com um calendário e com um acordo para a legislatura, poderemos caminhar", disse.

De acordo com a governante, todas as ordens estão preocupadas com a resposta assistencial do SNS. "Preocupadas porque sentem que é preciso dar melhor resposta, apesar de o SNS ter uma resposta bastante intensa. Diariamente, fazem-se muitas consultas, fazem-se muitas cirurgias, fazem-se muitas intervenções, mas há, de facto, como sabemos, listas de espera e, naturalmente, os profissionais são os primeiros interessados em conseguir responder aos seus doentes", sustentou.

A ministra salientou ainda que é preciso conseguir fixar os profissionais de saúde no SNS e no país.

"O SNS precisa desse reforço, mas o país também precisa de ficar com esses profissionais. E, nesse contexto, há várias propostas que as ordens entendem ser importantes", observou. **DN/LUSA**

BREVES

Morreu o padre jesuíta José Maria Brito

O padre jesuíta José Maria Brito morreu ontem, aos 48 anos, no hospital de Évora, onde tinha sido internado de urgência no domingo à noite, anunciou a Companhia de Jesus, no portal Ponto SJ. Antigo responsável de comunicação da Companhia de Jesus em Portugal, fundou em 2018 o Ponto SJ, o portal dos jesuítas. José Maria Brito nasceu no Porto em 1976 e estudou Comunicação Social na Escola Superior de Jornalismo. Em 1998 entrou para a Companhia de Jesus, tendo sido ordenado padre jesuíta em 2010. No último ano e meio viveu na comunidade dos jesuítas de Évora. "Aí colaborava ativamente com a Arquidiocese na equipa da pastoral familiar e com o Casarão, centro universitário da Arquidiocese. Era assistente regional da Comunidade de Vida Cristã (CVX) - Além Tejo e também presidente da Fundação Gonçalo da Silveira." Segundo a informação divulgada pela Companhia de Jesus, José Maria Brito "sofreu no domingo um AVC espoletado por vários tumores que desconhecia", acabando por falecer esta segunda-feira.

MAI: Governo anuncia um subsídio para PSP e GNR

A ministra da Administração Interna anunciou ontem que vai apresentar a 2 de maio uma proposta de atribuição de um subsídio aos elementos da PSP e GNR, que acredita que irá satisfazer os polícias. "Nesse protocolo que negociamos hoje [ontem] ficou como prioridade a discussão do Subsídio de Risco, que é a matéria horizontal e que os sindicatos acham prioritário e que nós, Governo, iremos ter em boa conta", disse aos jornalistas Margarida Blasco, no final das reuniões com as associações socioprofissionais da GNR e sindicatos da PSP. A ministra esclareceu que ainda não sabe se será Subsídio de Risco ou Suplemento de Missão, encontrando-se depois uma fórmula que se aplique à PSP e GNR. Margarida Blasco escusou-se a avançar qual o montante e os moldes em que o subsídio vai ser atribuído, remetendo para a proposta que será apresentada a 2 de maio. "Estamos a fazer um trabalho muito árduo no sentido de apresentar essa proposta aos sindicatos com todas as condições e aquilo que nós entendemos ser a satisfação para todos os profissionais das polícias", afirmou.
As forças de segurança estão em manifestações desde que a Polícia Judiciária – organização que depende do Ministério da Justiça e não do MAI – tiveram direito a um Subsídio de Risco por decisão do ex-primeiro-ministro, António Costa. Consideram que foram alvo de discriminação.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56614
5 605290 023002